



TON MARTINS

O **ZEN**
E O CRISTO



DOIS CONCEITOS, UMA IMAGEM

Cada obra do Ton para a qual tenho o prazer de criar o projeto gráfico é uma aventura. Começamos com *Consciência Turquesa* (um empolgante desafio) e aqui estamos, três livros depois, com *O Zen e o Cristo*. E Ton me convidou, novamente, para falar sobre a capa da obra, afinal ambos cremos que “uma imagem vale mais que mil palavras” – frase atribuída ao editor de jornais americano Arthur Brisbane.

Na introdução (página 19) Ton afirma: “Nossa reflexão caminhará por dez xilografuras da filosofia zen budista e suas intrigantes conexões com a tradição cristã.” Como criar uma capa que abordasse simbolicamente esses dois conceitos? Confesso que o bloqueio criativo se convidou para passar um tempo ao meu lado... No entanto, em mais um dia de busca por imagens, acabei conseguindo tirar a areia dos olhos e enxergar as pegadas. Na areia.

Esta obra do Ton fala de uma incrível jornada. Uma caminhada que cada ser encarnado neste mundo faz, por si só. Mas, não necessariamente sozinho – quem conhece o poema das pegadas na areia sabe.

Passos na areia são muito simbólicos e irão remeter os leitores às mais diversas interpretações, são uma grande viagem. E esses passos são nossos, assim como são de Buda e de Jesus também. E são efêmeros, vão desaparecer com o vento ou com a água. Contudo, a caminhada continua.

Ótima leitura!

Lucia Fontes

TON MARTINS

O **ZEN**
E O CRISTO



Wellington Martins Junior

O zen e o Cristo

Jundiaí - SP
2023

Copyright © 2023 Wellington Martins Junior

Projeto gráfico e diagramação: Lucia Fontes

Capa: Lucia Fontes

Revisão: Wanderley Carvalho e Lucia Fontes

Imagem de capa/contracapa: herraez | depositphotos.com

Imagem da orelha da capa: paulmaguire | depositphotos.com

Imagem página 5: stocksolutions | depositphotos.com

Imagem página 11: kumiko shimizu | unsplash.com

Imagens dos Estágios I a X: Adaptado de Tensho Shubun (1414-1463)

Imagem página 115: david gavi | unsplash.com

Imagem página 117: anton matyukha | depositphotos.com

Imagem página 125: jeremy bishop | unsplash.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

M386 Martins, Ton.

O zen e o Cristo [recurso eletrônico] / Ton Martins. –

Jundiaí : W. Martins Junior, 2023.

Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6036-123-2

1. Cristianismo e outras religiões - Budismo.
 2. Budismo - Relações - Cristianismo.
 3. Filosofia e ciência.
 4. Espiritualidade e ciência.
 5. Consciência.
- I. Título.

CDD23: 261.243

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

Todos os direitos reservados.

Proibida a cópia, reprodução ou duplicação desta obra, no todo ou em parte, mediante qualquer forma ou meio, sem a autorização expressa do autor.

SUMÁRIO

PREFÁCIO por Wanderley Carvalho _____	15
INTRODUÇÃO Minotauro, Centauro ou Platão? _____	19
ESTÁGIO I A procura _____	27
ESTÁGIO II Os rastros _____	37
ESTÁGIO III O vislumbre _____	45
ESTÁGIO IV A luta _____	51
ESTÁGIO V O treinamento _____	61
ESTÁGIO VI A sintonia _____	67
ESTÁGIO VII A não-dualidade _____	75
ESTÁGIO VIII O vazio _____	83
ESTÁGIO IX A fonte _____	89
ESTÁGIO X Os missionários _____	95
POSFÁCIO A didática _____	105
AGRADECIMENTOS _____	117
BIBLIOGRAFIA _____	118
ARTIGOS CONSULTADOS _____	119
VIDEOGRAFIA _____	120
FILMOGRAFIA _____	122





Dedico o presente esforço exegetico aos meus amados filhos/esposa, em retribuição aos dadivosos tesouros espirituais emergidos em nossa convivência. A paternidade/matrimônio foi o norte evolutivo de minhas escolhas existenciais, em especial nos momentos em que o mundano colidia com o transcendente.

Prefácio

Siddhartha Gautama – o Buda – viveu, segundo estimativas, entre 463 e 383 a.C., em um pequeno país onde hoje se encontra o sul do Nepal, governado por um clã denominado Shakyas. O líder desse clã, Shuddodana Gautama, que era também o monarca do país, tinha como esposa a bela rainha Mahamaya que, no final de sua primeira gravidez, viajou ao reino de seu pai para dar à luz o primogênito. No meio do percurso, porém, Mahamaya entrou em trabalho de parto e a criança nasceu, saudável e lúcida, entre as belas árvores do local. Tratava-se de um menino, ao qual atribuíram o nome de Siddhartha, que significa ‘aquele que alcançou seus objetivos’. Mahamaya faleceu apenas sete dias após o nascimento de seu único filho, mas, segundo consta, este viveu oitenta anos, ao longo dos quais destacou-se por seus feitos, os quais se tornaram a base do budismo. Esta é a razão pela qual Siddhartha ficou conhecido como Shakyamuni (o sábio dos Shakyas) ou Bouddha (o desperto).

Jesus – o Cristo – era judeu e nasceu em Belém há cerca de 2023 anos, durante o governo do imperador Augusto (63 a.C - 14). Para uma parcela considerável da população da época, Jesus era o único filho de Deus, que o enviara na condição de humano a fim de que promovesse a reconciliação da humanidade com o Pai. Dadas as circunstâncias de então, Jesus foi entendido como o justo cuja missão seria a de restituir o país originalmente pertencente ao povo judeu, livrando-o do domínio de Roma. Por conta de seus ensinamentos – cujos registros encontram-se, principalmente, nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João – e dos eventos que culminaram com sua trágica e prematura morte, supostamente aos 33 anos, Jesus foi caracterizado como Cristo (do latim *Christus*, derivado do grego *Khristós*, ‘ungido’) ou Messias (do hebraico *Mashiach*). Sua importância para a humanidade foi tão grande que deu origem ao cristianismo. Além disso, em boa parte do planeta, o ano de seu nascimento representa o marco zero na contagem anual do tempo.

Que paralelos poderiam existir entre essas personalidades, tão distantes no tempo e no espaço, a ponto de justificar reuni-las em um único livro? Seria a presença constante, mantida por séculos e séculos no imaginário coletivo? Seria o caráter icônico que as acompanha por tão longo período? Poderiam ser os poderes de cura e solução de problemas humanos atribuídos às suas imagens, fato que leva as pessoas a mantê-las em pon-

tos estratégicos da casa ou local de trabalho? Ou seria a legião de idólatras que delas fazem objeto de adoração, sem, contudo, olharem para si mesmos e se darem conta do que podem fazer por si e pelos outros, com vistas a tornar o mundo melhor para todos?

Tais paralelos existem, mas não justificam uma obra como esta, cujos propósitos são mais ousados, relevantes e urgentes. Fazendo um meritorioso uso de sua *espiritualidade consiliente*, Ton Martins constrói aqui uma bela, esclarecedora e plural tecitura dos aspectos convergentes entre zen budismo e tradição cristã, valendo-se, para isso, de uma grande variedade de recursos cuidadosamente selecionados do amplo acervo da cultura humana.

Ao promover uma espécie de dialética admiração–autoenfrentamento, o já veterano autor explora aspectos dos exemplos das personalidades em foco, enaltecendo a coerência entre discurso e prática que acompanhou suas respectivas vidas terrenas, e lança um acolhedor e enfático convite para que o leitor embarque numa jornada de autoconhecimento, com vistas a enfrentar e superar posturas pouco ou nada elevadas, típicas da humanidade no atual estágio evolutivo.

Desse modo, Buda, Cristo e demais personagens e situações presentes nesta obra nada mais são que elementos constituintes de um contexto extremamente didático no qual o potencial protagonista é o próprio leitor. Este, aceitando o desafio, terá como primeira e duradoura tarefa abandonar o hábito da espera de benesses vindas de supostas deidades, passando a investir no autoaprimoramento. Nesse processo, o olhar é dirigido para dentro e não para fora. O indivíduo deixa a condição de espectador ou ‘paciente’ para assumir-se enquanto personagem principal ou ‘agente’ da própria trajetória evolutiva. É o “Conhece-te a ti mesmo”, do antigo Oráculo de Delfos, em versão atualizada para o século XXI.

Que a empreitada lhe seja altamente esclarecedora e bem-sucedida, caro leitor!

Wanderley Carvalho
16 de fevereiro de 2023

Introdução



Minotauro, Centauro ou Platão?

Nossa reflexão caminhará por dez xilogravuras da filosofia zen budista e suas intrigantes conexões com a tradição cristã. Oferto ao leitor as interpretações tradicionais, algumas míticas, outras simbólicas, psíquicas, racionais e espirituais. Desde logo esclareço minha maior facilidade na esfera racional, mas devo ressaltar que tratarei de todas as demais com igual respeito, a fim de estudarmos os insólitos vínculos entre símbolos, mitos, parábolas, alegorias, clássicos literários, produções hollywoodianas e outros artefatos históricos/ficcionais produzidos no decorrer da história humana.

Na alegoria mítica da caverna, de Platão,¹ representada pela gravura acima de Jan Sanraedam (1565-1607), os prisioneiros estão acorrentados e suas consciências limitadas a projeções de sombras distantes da verdadeira beleza, riqueza e luminosidade encontradas fora daquele cárcere sombrio.

A figura mítica do Minotauro, por sua vez, possui dois símbolos marcantes: a cabeça animal em corpo humano e o labirinto como prisão. A cabeça de touro representa a submissão da conexão racionalidade-transcendência à irracionalidade-materialidade. Em outras palavras, a racionalidade, quando desconectada do transcendente, perde-se no labirinto sensorial do mundo material.

1 PLATÃO. A República, Livro VII. São Paulo: Martin Claret, 2001, p.210.

Em simbolismo oposto, o Centauro exhibe um corpo de cavalo com tronco e cabeça humanos. Portanto, embora visceralmente preso a um corpo animal, possui coração e mente humanos, representando um momento evolutivo mais avançado em relação à figura mítica anterior e aos acorrentados na caverna platônica. Essa figura mitológica já possui condições de portar um arco e uma flecha, a fim de atingir objetivos mais elevados.

Tais mitologias, incluindo a alegoria da caverna, portam simbolismos que escapam ao homem moderno, pouco interessado nesses temas ou, no máximo, portador de uma espiritualidade segmentada, etnocêntrica ou, em linguagem coloquial, bairrista. A humanidade atual desconectou-se dos significados mais profundos dos simbolismos e seus efeitos didáticos e auxiliares para o despertar de seres que não estão capacitados ou interessados numa compreensão racional de nossa urgência evolutiva.

– Pois muito bem, autor. Por que não partimos para as glórias da racionalidade e deixamos de lado o restante?

Excelente pergunta. Eu mesmo foco bastante na ciência e busco primar pela racionalidade – muitas vezes em demasia, devo confessar. Contudo, a razão não dá conta de tudo e precisa desesperadamente conectar-se ao transcendente. Aos que desejarem substituir o termo transcendência por cristandade ou iluminação, delego meu fraternal e igualitário acolhimento.

O isolamento entre ciência e transcendência ocasionou-nos muitas complicações no campo ético. A autonomia entre tais ramos de estudo foi gloriosa, mas sua desconexão não. As tristes matanças que maculam a história humana não deixam dúvidas sobre a urgência conectiva entre inteligência e empatia, conhecimento e ética, ciência e consciência, ou ainda, se desejarmos usar termos da religiosidade ocidental: racionalidade e cristandade. Enfim, uma razão fecundada pelo amor.

As figuras mitológicas e alegóricas simbolizam os momentos evolutivos de aglomerações humanas e revelam o inconsciente – individual e coletivo – de personalidades e sociedades primitivas, estejam elas completamente degradadas ou em estágios morais superiores. O terceiro milênio

brindou-nos com avanços tecnológicos espantosos. Todavia, ficam as perguntas: por que tamanha lentidão nos avanços morais? Qual será o limite da nossa teimosia?

Responderemos tais questões nesta inusitada jornada interpretativa sobre as citadas dez gravuras oriundas do zen budismo, que partem de uma posição evolutiva consideravelmente superior aos acorrentados na sombria caverna de Platão, bem como aos que adentraram nos labirintos sensoriais nos quais se perdeu o terrível Minotauro.

As estreitas associações que farei com a tradição cristã ocorrerão durante nossa aventura. Entretanto, advirto desde logo: a porta é estreita e o caminho é pedregoso. Ao superarmos a covardia que nos impinge tolas vitimizações, inoportunas terceirizações e resmungos mimizentos, seguiremos nosso peregrino-zen e acordaremos do sonho narcísico que reflete uma bela imagem, mas esconde o principal: nós mesmos.

Como dissemos, nosso peregrino-zen partirá de posição avantajada em relação aos acorrentados da alegoria platônica e aos ainda perdidos no labirinto minotáurico. Todavia, não podemos afirmar que sua jornada será fácil, eis que o intrépido desbravador será obrigado a enfrentar um touro indomado que insiste em tumultuar seu caminho. Ao tomar ciência de suas vinculações viscerais com a animalidade da besta, ele encontrará meios para controlá-la e poderá manusear o arco e lançar a flecha da simbologia centáurica.

Desnecessário entendermos tudo agora. Saibamos apenas que o nosso vaqueiro-zen intui que precisa dar um rumo evolutivo em sua vida, pois se sente perdido num mundo estranho e convulsionado. Essa relevante percepção destaca-o da massa materialista, historicamente seduzida por enganosos “-ismos”² de toda natureza, mormente os políticos e os ideológicos.

Nosso protagonista percebeu que tais perigosíssimos “-ismos” materialistas simplesmente não funcionam na prática e que, na verdade, não pas-

2 Sufixo que indica “caminho de”. Para que não reste dúvidas, incluímos em nosso repúdio o materialismo histórico marxista.

sam de panaceias pretensamente salvacionistas.³ E mais, mesmo dentre os “-ismos” virtuosos, nosso herói destacou-se da manada pela coragem de enfrentar seu interior, ao invés de apenas criticar ou dialogar sobre o exterior. Em outras palavras: antes de mudar o mundo, devemos mudar a nós próprios *apesar* do mundo.

Nesse momento, podemos encaminhar nossa interpretação sobre nossas mazelas “taurinas” por duas exegeses. Afinal, o que esse animal representa? Alguns estudiosos zen budistas consideram a representação animalesca como a nossa *essência* egóica. Uma segunda perspectiva, portadora da minha predileção, prefere associar a figura do touro ao “não-ser”, ou seja, algo absolutamente distinto de nossa essência.

Assim, paradoxalmente, o animal simbolizaria justamente aquilo que *não somos*, mas apenas *estamos*. Vale dizer, o touro representaria nossa *persona*⁴ momentânea (ego) e suas mazelas também temporárias, diferentemente da perenidade de nossa essência espiritual. Todavia, não devemos nos preocupar com tais complexidades nesse momento; lembremos apenas que nossa essência perene não deve ser confundida com eventuais manifestações transitórias ou traços sujeitos à impermanência.

A humanidade perdeu o endereço de si mesma nas escuras cavernas da experiência corpórea e nos labirintos de nossa própria inconsciência. As diversas interpretações da fantástica sequência de gravuras – que estamos prestes a conhecer e analisar – convergem num único objetivo: nossa alforria. O caminho será pela desafiadora via do autoconhecimento, ceifando as acovardadas esquivas das terceirizações de responsabilidades.

As imagens em estudo, apesar de parecerem pueris, elucidam o caminho para nossa iluminação e visam acessar nosso “eu profundo”. A primeira xilogravura desse desafiador *Koan*⁵ será aprofundada no capítulo exordial desta jornada, no qual nosso desbravador suspeita que há um animal perdido em algum lugar de uma densa floresta e está decidido a encontrá-lo.

3 Materialismo em geral e todas as suas derivações reducionistas, limitantes e segregacionistas.

4 Persona é o aspecto externo da personalidade, em oposição à sua verdadeira essência.

5 *Koan*: narrativa, questão ou afirmação no budismo zen que contém aspectos que não são acessíveis à razão.

– Autor, uma dúvida. Entendi que não estamos diante de inocentes gravuras de uma historinha infantil. Todavia, estamos falando de ficção ou realidade? Essa floresta seria o nosso inconsciente?

Eis o nosso velho e insistente dilema filosófico em torno do conceito de realidade. Posso imaginar uma resposta no estilo zen e seus maravilhosos paradoxos: as duas coisas e nenhuma delas. Todavia, fico mais confortável com uma resposta de estilo ocidental: estamos diante de uma *expressão simbólica da realidade*. Sobre a relação alusiva entre o inconsciente e a densa floresta, os labirintos da vida ou a caverna escura, a resposta é afirmativa. Veremos tais interpretações e outras transcendentais a elas no decorrer da leitura.

Nesse diapasão, não me parece conveniente reduzirmos o conceito de realidade às sombras, cavernas e florestas. As dimensões sutis fora do buraco-soturno de Platão, bem como as conexões com nossas respectivas jornadas personalíssimas, também podem ser conceituadas como partes integrantes da realidade.

O imaginário da edificante tradição zen e suas intrigantes narrativas, além de filosoficamente desafiadoras, possuem incríveis vinculações com inúmeras escolas de sabedoria ocidentais e delegam-nos ensinamentos de notável utilidade prática. Os significados profundos desses ensinamentos convidam-nos a transcender as dualidades (interior-exterior, individual-coletivo, ocidente-orientes) para gloriosas conexões harmonizadoras.

Caros amigos, a porta não é apenas estreita, mas estreitíssima. Todavia, nossas dificuldades não são nossas inimigas, mas nossas educadoras. Uma advertência: não adentremos na desconhecida floresta desprovidos dos equipamentos de proteção adequados. Levemos conosco a bússola da ética, o cantil da prudência e um bom estojo de primeiros socorros.

– Oi? Explique-se melhor, autor. Se eu seguir essa jornada poderei ferir-me ou machucar alguém?

As questões elaboradas por leitores imaginários seguirão comigo por toda a aventura deste livro. Na verdade, ousei criar um alter ego (“outro eu”)

que não terá nenhum pudor em colocar-me perante situações filosoficamente desafiadoras e, até mesmo, embaraçosas. Todas as respostas requererão interpretações profundas dos símbolos envolvidos, a exemplo das representações das sombras platônicas, dos infernos dantescos, dos touros e demais elementos que compararemos com a jornada zen.

No tocante ao questionamento de meu leitor, destaco com especial veemência que devemos ter redobrado cuidado para não ferirmos ninguém no processo de captura e domesticação do nosso touro atrevido. Afinal de contas, esse robusto animal, uma vez irritado, pode causar muito estrago. Todavia, na hipótese de deixarmos o touro deseducado e selvagem, o estrago será ainda maior. Esse foi o equívoco rousseuniano⁶ e sua ideia de uma eventual nobreza selvagem supostamente contaminada por “malvados” agentes civilizatórios. Portanto, que a captura e o adestramento sejam feitos em locais adequados, bem longe das lojas de cristais e dos bibelôs de porcelana.

Tenha em mente que a narrativa dos “Dez touros do zen” vem da tradição pacifista do zen budismo e é contada através das referidas xilogravuras que ilustram as fases progressivas de um não iluminado no caminho da iluminação ou elevação espiritual. Enfim, tranquilizo todos os leitores, pois o caminho convida-nos ao desenvolvimento, dentre outras virtudes, da serenidade e paz interiores.

Independentemente do caminho, seja ele científico, filosófico, religioso ou qualquer outra prática espiritualista escolhida pelo amigo leitor, outorgo meu respeito e cumprimentos a todos os heróis que ousam a aventura da ascensão de um nível de consciência para outro. Haja heroísmo nesse processo!

Na qualidade de um espiritualista consiliente,⁷ busco integrar inúmeros caminhos transcendentais sob um único eixo, sejam ocidentais ou orientais. A admirável filosofia zen pode ser comparada com notáveis produções cinematográficas, textos bíblicos, mitologias, perspectivas históricas

6 Rousseuniano: referente ao filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), que recebe nossa crítica.

7 MARTINS, Ton. Espiritualidade consiliente: uma opção existencial. Jundiaí: W. Martins Junior, 2022.

e integrações com importantes tradições de sabedoria, notadamente os dulcificantes valores cristãos.

Por derradeiro, enfrentemos o título introdutório: Minotauro, Centauro ou Platão? Adoto uma resposta integrativa inspirado pelas vertentes da filosofia integral,⁸ dinâmica da espiral⁹ e a citada espiritualidade consiliente, de minha autoria. Afirmo que todos os níveis de consciência representados por símbolos e alegorias estão devidamente acolhidos pelas leis naturais e imutáveis que regem o universo, impulsionando-os positiva e evolutivamente. Como dissemos reiteradamente, nosso vaqueiro-zen superou tais figuras mitológicas, bem como a ilusão da caverna de Platão, mas terá uma jornada e tanto pela frente. Convido a todos a segui-lo nessa empolgante caminhada ascensional.

8 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. 2.ed. Jundiá: W. Martins Junior, 2020.

9 MARTINS, Ton. Consciência Turquesa. Jundiá: Luce, 2017.



Estágio I. A procura

“Desolado nas infinitas florestas desse mundo, ele abre seu caminho através da alta relva em busca do seu touro. Segue por desconhecidos rios, perdido nos caminhos entrelaçados de longes montanhas. Totalmente exausto, seu coração está em desespero, sem poder encontrar o touro. Na névoa do entardecer, ele ouve apenas o chilrear das cigarras.”¹⁰

10 KOPP, Zensho W. The Zen ox-herding pictures: the path to enlightenment. Alemanha: Books on Demand, 2021. Versão digital. Adaptação e tradução do autor.

Nosso destemido protagonista equipou-se para sua tarefa. Apesar das preocupações e um titubeante olhar para trás, nosso peregrino-zen parece ligeiramente mais esperançoso que Dante Alighieri (1265-1321), mormente quando o poeta italiano percebeu a selva escura em que se perdera. O texto e a imagem abaixo demonstram a similaridade das situações.

“Quando eu me encontrava na metade do caminho de minha vida, vi-me perdido numa selva escura, e a minha vida não mais seguia o caminho certo.”¹¹



Figura 1 – Dante Alighieri perdido na selva escura.
Ilustração de Gustave Doré (1851-1868).

Notem que tanto na narrativa zen, como no poema de Alighieri, os heróicos personagens olham para trás antes de seguirem em frente. Na hipótese desse olhar indeciso demorar mais que um ligeiro suspiro, sugiro a advertência de Emmanuel: “Se a provação te busca, não desanimes. Segue. Ninguém te estrague o dom de renovar a vida.”¹²

Apesar de todos os pesares, nossos valentes personagens quebraram a inércia e superaram as zombarias dos que naufragam ao som da orquestra do *Titanic*¹³ e, ainda, com tempo suficiente para criticar os que tentam nadar até os botes salva-vidas. Nossos protagonistas decidiram avançar. Alighieri chega a descrever o momento crucial:

11 ALIGHIERI, Dante. A divina comédia: inferno. Versão em prosa por Helder L. S. da Rocha. São Paulo, 1999, p. 35.

12 XAVIER, Francisco C. Assim vencerás. Brasília: FEB, 2021. Versão digital.

13 TITANIC. Direção: James Cameron. Produção: James Cameron, Jon Landau. Estados Unidos: Paramount Pictures, 20th Century Fox, 1997.

“Decidi então subir aquele monte.
Olhei para trás uma última vez, para aquela
selva que nunca deixara uma alma viva escapar,
descansei um pouco, e depois, iniciei a
escalada.”¹⁴

Pensamentos e sentimentos paradoxais parecem assombrar ambas as narrativas: de um lado, a incerteza quanto ao futuro; de outro, a necessidade evolutiva. O passado não lhes serve mais, tampouco a procrastinação. Narciso finalmente percebe que existe lama no fundo do lago que reflete sua bela imagem. Nossos heróicos aventureiros perceberam o único momento existente para agirem: o presente. De fato, o passado se foi e o futuro perde-se no infinito. Resta-nos o grande dia das nossas vidas: hoje.

Decidido a buscar novos níveis de consciência, nosso vaqueiro-zen não mais acompanha os movimentos das massas coletivistas e inicia sua jornada individual. As desculpas deram lugar a uma palavra em desuso na pós-Modernidade: protagonismo. Finalmente, os acovardados vícios da negação da realidade,¹⁵ da vitimização,¹⁶ da reação imatura¹⁷ e da terceirização de responsabilidades¹⁸ restaram superados. Não é pouca coisa.

A inspiração para um passo evolutivamente tão corajoso foi a sensação de que alguma coisa estava errada em sua vida. Nosso herói não ignora o parente intrometido, o chefe descortês, o político tirânico, o homem-massa gassetiano,¹⁹ os idólatras/eleitores de corruptos, os preconceitos coletivistas, as massas fanatizadas e todos os farrapos espirituais de nossa era. Todavia, percebeu que sua jornada é personalíssima e que seu tempo é precioso demais para ignorar a sábia advertência cristã:

14 ALIGHIERI, op. cit.

15 Negação da realidade (mecanismo de defesa do ego): evitar realidades desagradáveis, ignorando-as ou recusando-as. Exemplo: o adágio popular: “o pior cego é quem não quer ver”.

16 Vitimização (Psicologia – mecanismo de defesa do ego): passividade e evitação de problemas, assumindo-se constantemente como vítima.

17 Reação imatura (mecanismo de defesa do ego): evitação/substituição de um impulso por outro. Exemplo: discursar contra a pobreza (culpando algum coletivo específico) para esconder sua própria indiferença/inação prática perante a mesma.

18 Terceirização: aqui usado no sentido do padrão de comportamento de terceirizar as responsabilidades.

19 GASSET, José Ortega y. A rebelião das massas. Campinas: Vide Editorial, 2015.

“Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vós, despedaçá-las-ão.”²⁰

Um vago sentimento de incompletude causou-lhe sofrimento, mas nosso heróico aprendiz não desistirá de sua busca. Ele descobriu que as tentativas do ego na direção de modificar o mundo exterior por meio de utópicas ideologias e irreais materialismos não são apenas inúteis e estagnadoras, mas também fanatizadoras e socialmente trágicas.

E mais, nosso querido protagonista sabe que seu touro tem as mesmas *quatro* patas dos demais de sua espécie, todas rigidamente conectadas com a dureza do mundo material. A simbologia quaternária pode ser interpretada por inúmeros ângulos, dentre outros, aquele que nos remete aos quatro corpos materializados – físico, energético, emocional e mental – em contraponto com a nossa verdadeira essência imaterial:²¹ o espírito, a alma, a tríade imorredoura,²² a consciência, o *self*, a essência eterna.

Ao lembrar de Sócrates e da famigerada frase atribuída ao filósofo grego – “tudo que sei é que nada sei” – as poderosas certezas do nosso vaqueiro-zen cedem espaço para as dúvidas. A antiga arrogância abre passagem para uma bem-vinda modéstia. Ele sabe da importância de sua poderosa mente racional, mas intui que a razão não seja a última bolacha do pacote cósmico. O que mais seria necessário em sua missão?

As virtudes necessárias para a nossa jornada demandam conhecimento do nosso passado e minucioso planejamento do futuro, além das virtudes da...

– Auto lá, autor. Estou confuso. A busca por esse touro parece ser mais interior que exterior. Porém, se o touro está dentro de nós, ele não irá para lugar algum, não é mesmo? Então, por que procurá-lo?

20 Bíblia (Mateus 7:6).

21 Constituição dividida entre: 1. Quaternário: mente-emoção-energia-matéria. 2. Espírito trino: intuitivo-espiritual-divinal.

22 Na filosofia indiana dá-se o nome de estrutura setenária: 1. O quaternário mortal (corpos transitórios). 2. A tríade eterna (espiritual).

O homem, ao dar as costas à sua verdadeira natureza espiritual, turvou sua visão e passou a ser excessivamente complacente com os seus fardos e egocentrismos. O desvio humano em relação às leis naturais e imutáveis desequilibrou-nos, cegou-nos e jogou-nos em caminhos cruzados a desembocar nos labirintos do materialismo e seu desmedido apego pelo transitório, ao invés do saudável interesse pelo perene.

Inegavelmente, somos livres na sementeira, mas destinados à colheita daquilo que plantamos. Eis o entrelaçamento entre livre-arbítrio e destino, ou seja, o nexa de causalidade entre nossas escolhas e suas consequências. Chamemos de carma,²³ se preferirmos.

A pós-Modernidade perdeu a noção do certo e do errado nos pântanos do relativismo moral. Abandonou-se a ética e os incautos da crosta terrestre sucumbiram ao cômodo e deslustroso vício da terceirização de suas responsabilidades, culpando indivíduos e coletividades por sua própria penúria espiritual. Eis a causa da tibiez moral. Resta-nos as questões: quais são seus efeitos? Como evitá-los?

Ao trazermos aspectos espiritualistas para o debate, ou seja, os aspectos multidimensionais e de múltiplas existências corpóreas, concluiremos que o único local absolutamente legítimo para reclamarmos de nossas mazelas materiais e espirituais é diante do espelho. A coragem para tal enfrentamento está escassa em todo o ambiente educacional, midiático, político, jurídico, enfim, disseminado em toda a sociedade.

Em extensão exegética, o monge Genshō²⁴ interpretou a primeira imagem da jornada zen como o momento em que o viajante, perdido nos labirintos de sua mente excessivamente analítica (algumas tradições chamam-na de “mente inferior”), precipita-se em falsos e tortuosos caminhos. Peregrinos de caminhos inglórios terminam em becos sem saída e no torpor hipnótico dos “-ismos” ideológicos materialistas ou segregacionistas, sem atentar para os reais motivos de suas respectivas angústias existenciais: eles mesmos.

23 Carma (karma): a “lei do karma” está associada ao conceito de causa e efeito, além do reajuste perante a lei transcendente (*dharmā*).

24 DAISSEN. Os dez passos do boi: Monge Genshō. Disponível em: <https://youtu.be/mRYgzio15GU>

Em outras palavras, existem “-ismos” auxiliares, edificantes e úteis e outros caminhos absolutamente enganosos, pois focam numa busca exterior, ou seja, para pretensamente mudar o mundo (o outro) e não a si mesmo. Os “-ismos” patológicos/incompletos são os caminhos materialistas/reducionistas, ou seja, aqueles que excluem a transcendência e criam idolatrias aos “bezerros de ouro”.

O ateísmo e o materialismo (seja ele rotulado de “histórico” ou “científico”), ao lado do egoísmo, são exemplos de desvios tortuosos que ceifaram a moralidade e a honradez de assumirmos as consequências de nossas escolhas. Milhões de ingênuos, por fraqueza espiritual, se deixam seduzir por tais engodos. Em suma, os “-ismos”^{25,26} patologicamente reducionistas focam somente no externo, cujo reducionismo pode ser adjetivado de grosseiro.

Na outra face da moeda estão os “-ismos” saudáveis, edificantes e inclusivos (não segregacionistas), sejam religiosos,²⁷ filosóficos²⁸ ou científicos.²⁹ Em geral, esses bons “-ismos” integram a transcendência em virtuosa conexão universalista. Ainda assim, quaisquer que sejam os “-ismos” de nossa preferência, devemos evitar as versões patológicas e, mesmo optando pelos virtuosos, ter cuidado para não incorrer no reducionismo sutil,³⁰ interpretação equivocada e reduzida a uma visão apequenada por parte do intérprete.

Por meio dos “-ismos” sadios, temos a indicação correta na direção de uma gradual e progressiva evolução interior, mas “apenas” a identificação do caminho não nos leva ao final da jornada. Em suma, precisaremos ir além da descoberta do caminho e, efetivamente, percorrê-lo.

– Que problemão! Parece que se ficar o bicho come, se correr o bicho pega. Como resolver essa bagunça de “-ismos”?

25 “-ismos” políticos patológicos/reducionistas: comunismo, fascismo, nacional socialismo (nazismo), positivismo (Comte), marxismo etc.

26 “-ismos” psicológicos patológicos: hedonismo, narcisismo, egocentrismo etc.

27 “-ismos” religiosos edificantes: cristianismo, budismo, hinduísmo, espiritismo etc.

28 “-ismos” filosóficos edificantes: pacifismo, estoicismo, platonismo, racionalismo cristão, espiritualismo etc.

29 “-ismos” científicos edificantes: empirismo, racionalismo etc.

30 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. 2.ed. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020, p. 178. Versão PDF. Disponível em: <https://tonmartins.com.br/livros/>

Substituindo-os por outro sufixo: “-dade”. Esse novo sufixo remete-nos a uma nova condição, estado ou qualidade mais ligada ao nosso interior. Exemplificarei com a virtude da bondade, ou seja, da qualidade daquele que é bom. Assim, mais importante que a compreensão de um valor edificante é a sua interiorização. Desapeguemo-nos das amarras egóicas de nos julgarmos melhores que outros por meio de disputas entre nossos “-ismos” e partamos para o trabalho interior. Eis a proposta.

Obviamente, exortamos os “-ismos” legítimos e portadores de valores transcendentais, mas, como dissemos, isso não basta. De nada adianta seguirmos um bom “-ismo” se não interiorizarmos e aplicarmos seus valores em nós mesmos. Eis um exemplo: enalteçemos o pacifismo, mas lançamos aplausos ainda mais efusivos à interiorização da paz ou “passividade”. Usemos alguns neologismos para criarmos outros exemplos: priorizo a fraternidade ao “fraternismo”, a serenidade ao “serenismo”, a espiritualidade ao espiritualismo e assim por diante.

A escritora e monja Coen Rôshi, fundadora do *Zen Center of Los Angeles* e da *Comunidade Zen do Brasil*, citando o Mestre Kakuan Shion Zenji (século XII),³¹ sintetiza essa primeira gravura zen em análise como sendo nossos apegos, confusões e discórdias. Vejamos trecho de sua obra sobre o tema:

“Apegamo-nos às aparências. Queremos riquezas e poderes comuns. Temos medo de perder, de falhar. Entre amor e ódio, gritamos pelo que julgamos ser o correto e repudiamos quem não concorda conosco.

A confusão e a discórdia prevalecem. Como se cada um falasse uma língua diferente, deixamos de entender a nós mesmos e aos outros.”³²

A nobre praticante do zen budismo tocou em temas incrivelmente atuais. A pandemia do coronavírus (2019-2022) comprovou que todos nós possuímos bocas, mas nos faltam ouvidos. O ambiente político da atualida-

31 SUGAI Emilie. O significado de “Os dez desenhos de domar o touro” por Monja Coen Rôshi. Disponível em: <https://youtu.be/eTBL5NvToLY>

32 RÔSHI, Monja Coen. O monge e o touro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2015, p. 9.

de e respectivas reverberações em redes sociais ofertam-nos incontáveis exemplos do citado “repúdio de quem não concorda conosco”. Todavia, a citada monja entrega-nos um esperançoso alento:

“Quando nos sentimos perdidos, solitários e distantes da plenitude, um pequeno raio de luz surge. Não o ignore. Perceba-o.”

(*omissis*)

“A procura é [precede]³³ o encontro. Procure. Dentro e fora está a grande intimidade perdida. Vá atrás. Quem sou eu? O que é real? O que é a vida? O que existe após a morte? Onde está o sagrado? Como se manifesta?”

Quando a mente analítica estiver sobrecarregada, permitamos a colaboração da mente intuitiva. Necessitaremos bem utilizar nossas ferramentas (pensamentos-sentimentos-ações) para a correta observação do nosso próprio touro animalizado, a fim de conhecê-lo e não sermos dominados por ele. Se eu fosse obrigado a escolher uma única palavra para designar a finalidade última da jornada do nosso valente peregrino-zen, não hesitaria em apontar o termo *liberdade*. Nada mais libertador que a alforria do autoconhecimento.

A floresta em que se perdeu o vaqueiro-zen, definitivamente, não nos parece tão escura quanto o inferno de Dante, cuja entrada porta a terrível inscrição: “Deixai, ó vós que entrais, toda a esperança!”³⁴ Se o leitor ainda estiver mais em Dante que em nosso peregrino-zen, sugiro vestir o capacete da esperança de Paulo de Tarso,³⁵ pois mesmo em meio à escuridão noturna, podemos perceber os raios do sol refletidos na luz da lua. Entretanto, que o nosso vaqueiro não se engane: os touros costumam ser bastante teimosos.

33 Prefiro o verbo “preceder” nesse contexto. O texto original utiliza o verbo “ser”.

34 ALIGHIERI, Dante. A divina comédia: inferno. Tradução José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: eBooksBrasil, 2003, p. 31. Versão PDF.

35 Bíblia (Tessalonicenses 5:8) e (Efésios 6:17).

Outra comparação pode ser feita com o mito da esfinge de Tebas, sob a égide da frase “decifra-me ou te devoro”.³⁶ O tema de fundo é o autocohecimento. O grande equívoco humano está em focar, excessivamente (não raro, exclusivamente), na transformação dos agentes externos em detrimento da transformação de si mesmo. Em suma, embora avancemos rapidamente nos domínios tecnológicos, nossa essência ainda resta por demais desconhecida. Nesse contexto, teço homenagens à frase atribuída a Gandhi: “seja a mudança que deseja ver no mundo”. Permitam-me dizer quase a mesma coisa com minhas próprias palavras: para melhorar o mundo, melhore-se.

– Ok, entendi o conceito, mas por onde começar?

36 PSICANÁLISE CLÍNICA. Decifra-me ou te devoro: significado. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/decifra-me-ou-te-devoro/>



Estágio II. Os rastros

“Ao lado do riacho e sob as árvores, ele descobre rastros de touro. Mesmo em meio à fragrância da grama, ele vê sua trilha. Não importa quão distante o touro passa ir, mesmo que nas profundezas dos desfiladeiros entre montanhas remotas, a trilha não pode mais ser escondida, assim como um nariz imenso de quem olha para o céu.”³⁷

Ninguém imagine que as pegadas de nossa animalidade serão encontradas por acaso, sorte ou coincidência. A identificação dos rastros de seu touro exige maturidade, pois o animal deleita-se facilmente com a grama perfumada (prazeres/distrações mundanas). Novamente, evoco a inteligência e o poder de síntese de Xavier/Emmanuel, sob o capítulo intitulado *Burilamento*:³⁸ “Todos vivem na Terra com lições e problemas. Pelas próprias tendências, saberás porque sofres”.

No diapasão da prevalência do interior sobre o exterior, segue uma reflexão da linha budista: “O Budismo é uma filosofia de vida e os seus seguidores aprendem a valorizar o interior do ser, buscando o autoconhecimento, e a se desprenderem de coisas materiais, que são consideradas desnecessárias para encontrar a paz e a felicidade.”³⁹

Sigamos as tendências que nos levaram aos sofrimentos e encontraremos a causa dos nossos problemas. Todavia, mesmo diante de robustas pegadas (tendências) de deseducados bois – que mais parecem búfalos selvagens – os narcisistas modernos imaginarão que tais rastros pertencem aos bovinos de alguma coletividade supostamente opressora ou de alguém da vizinhança. Talvez seja daquele vizinho que comprou um carro novo.

– Nada disso, autor. Eu não invejo ninguém e não possuo nenhum quadrúpede de estimação. Aliás, alguém perdeu um touro por aí?

O fenômeno psicológico exemplificado por nosso leitor fictício é conhecido como mecanismo de defesa do ego,⁴⁰ cujas espécies mais comuns são a negação da realidade, projeção⁴¹ e racionalização.⁴² Tais mecanismos são desvios acovardados e levam-nos para becos sem saída.

Muitos jovens julgam-se ativistas em prol da paz ou da salvação mundial, mas são incapazes de arrumar o próprio quarto de dormir. Quando ver-

38 XAVIER, op. cit.

39 42 FRASES. 43 frases de Buda para meditar e ter uma vida de paz. Disponível em: <https://www.42frases.com.br/frases-de-buda/>

40 VIEIRA, Waldo. 700 Experimentos da conscienciologia. Foz do Iguaçu: Editares, 2013, p. 117.

41 Atribuir a outras pessoas comportamento característico de si mesmo.

42 Apresentar desculpas socialmente aceitáveis para justificar o próprio comportamento imoral. Exemplo: o “mecanismo das uvas verdes” da raposa na fábula de Esopo.

dadeiras, as boas intenções são interessantes, ainda que ingênuas, mas definitivamente não bastam. Vale lembrarmos a jocosa provocação do jargão popular “de boas intenções, o inferno está cheio”. Aos jovens idealistas que supõem deter a solução para o planeta com seus protestos, um conselho: antes de salvar o mundo, lavem a louça e paguem alguns boletos.

– Touché, meu caro autor! *Eu sou autossuficiente, crescidinho e pago minhas contas. E agora?*

Estás indo muito bem, amigo leitor. Sem dúvida, mereces aplausos, mas altruísmo é mais que isso, não é mesmo? O que fizeste é uma ótima coisa e conseguiste dar conta de ti mesmo, mas aí vai outra pergunta ainda mais indigesta: o que fazes concretamente pelos outros? Culpas alguém pela fome no mundo ou levas um prato de comida para um esfomeado? Reclamas da ignorância alheia ou combate-a em ti mesmo? Tua vida exemplifica o teu discurso e as tuas intenções?

Permita-me uma antiga e jocosa charada: dois sapos estão num tronco e um decidiu pular no lago. Quantos sapos ficaram no tronco? Um? Negativo. Intenções, resoluções ou decisões de fazer algo não alteram a situação fática se desprovidas de – atenção para as próximas palavras – ações efetivas. Enfim, os dois sapos ainda estão no tronco, um deles com ótimas intenções saltitantes, mas ambos ainda bem sequinhos e fora do lago.

A verdadeira bondade ou maldade concretiza-se nos rastros, não apenas nas intenções. Lembre-se que os rastros, sejam rastros do touro insolente ou do espírito edificante, estão “ao lado do riacho e sob as árvores”. Vale dizer, estão na sua relação com o mundo. Siga os rastros, meu caro leitor. Se preferir, “siga o coelho branco”, como veremos mais adiante.

Mesmo um tanto confuso com o parágrafo anterior e sem a exata distinção entre a verdade e a mentira, nosso perseverante peregrino-zen escolheu um caminho e não desistirá facilmente. Passará por provas desafiadoras e talvez dolorosas expiações, mas aproveitará cada aprendizado através de apurada observação dos fatos que o circundam. Nessa fase evolutiva, devemos ter muita cautela com subjetividades, opiniões ou interpretações. Procure rastros objetivos, coisas concretas, enfim, fatos.

O pesquisador de si mesmo persegue tenazmente tais rastros, mas ainda está incapaz de interpretá-los corretamente e distinguir o certo do errado. Eis a importância da objetividade. Observa seus rastros com atenção e intui a presença do touro em algum lugar, mas está apenas no início da senda do autoconhecimento e também não porta toda a coragem necessária para seu autoenfrentamento.

Existe o risco de perdermo-nos na busca excessivamente intelectual ou cairmos em genuflexão fanática a uma figura carismática, a determinada ideologia política ou algum “-ismo” materialista sedutor. Reitero que existem ótimos “-ismos” políticos e religiosos, mas desde que não fiquemos em adoração da trilha, mas efetivamente trilhemos o caminho com nossos próprios exemplos. Infelizmente, conheço poucos indivíduos completamente alforriados dos fanatismos ideológicos. Posso contá-los com os dedos das mãos.

A humanidade sucumbiu aos touros embusteiros, ao invés de transcendê-los. Optamos por seguir “-ismos” materialistas ou, no máximo, enclausuramos os “-ismos” não-materialistas de nossa estima e trancamos as saudáveis conexões com outras vertentes. E, para piorar as coisas, esquecemos de nosso próprio interior, ao invés de reconhecermos e *interiorizarmos* as pérolas humanísticas contidas em inúmeras e honrosas perspectivas transcendentais. Vale lembrar e endossar as palavras de Paulo de Tarso:⁴³ “Examinai tudo e retende o bem.”

Felizmente, e apesar dos pesares, nosso destemido vaqueiro escolheu um caminho e seguiu numa direção edificante, em sadia busca de seus traços “entourecidos”. Depois de caminhadas tortuosas, algumas vezes exausto, o peregrino-zen superou a embriaguez dos materialismos, sejam eles portadores dos imerecidos adjetivos “histórico, político, filosófico ou científico”.

Finalmente, observou os rastros do seu touro e seguiu suas pegadas em silêncio reflexivo; aguçou os sentidos e se harmonizou com o ambiente. Afim de contas, ele precisava sentir e prestar atenção em qualquer ruído ou detalhe, incluindo suas intuições. Ênfase que os detalhes farão a diferença.

43 Bíblia (Tessalonicenses 5.21).

Persistência, coragem e confiança são imprescindíveis nessa etapa. Precisamos estar presentes no aqui e agora e observarmos os fatos desprovidos de preconceitos ou pré-julgamentos, sejam eles políticos, ideológicos, doutrinários, religiosos etc. Apenas observemos os fatos como eles se apresentam (rastros). As pegadas estão visíveis e nossos fanatismos são inconvenientes antolhos.⁴⁴ Caso tenhas certeza de que esse texto não te inclui, repense.

Excelentes produções cinematográficas retrataram esse momento. Duas delas emergem em minha mente nesse momento. A primeira, o filme *As Aventuras de Pi*,⁴⁵ em que nossa animalidade é representada por um tigre. Notem que o protagonista necessita remover uma lona que o escondia (remoção dos antolhos), a fim de observá-lo. Sugiro aos meus leitores que se aventurem nessa película de alto poder simbólico, psicológico, filosófico e espiritual.



Figura 2 – Cena do filme *As Aventuras de Pi*.

Trata-se de uma verdadeira obra de arte da cinematografia. A associação da presente leitura com essa e outras produções artísticas descortinará conteúdos despercebidos, mesmo aos cinéfilos mais fervorosos e conhecedores dos respectivos roteiros.

O filme *Matrix*,⁴⁶ famigerada produção ficcional, oferta-nos interessantes reflexões e uma sincrônica passagem em que o personagem Neo (anagrama de *One*) resolve seguir inúmeras pistas (pegadas) para descobrir a

44 Antolhos são acessórios colocados nas cabeças de animais de montaria para limitar seu campo de visão.

45 AS AVENTURAS de Pi. Direção: Ang Lee. Produção: Ang Lee, Gil Netter, David Womark. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2012.

46 MATRIX. Direção: Lilly e Lana Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros, 1999.

verdade. A mensagem que aparece em seu computador – “siga o coelho branco” – mostra que a solidão do protagonista era ilusória, eis que estava sendo acompanhado e ajudado através de mensagens e sinais (intuições e sincronicidades).

Caro leitor, lembra da recomendação de atenção aos detalhes? Pois bem, o coelho branco aparece na tatuagem de uma personagem secundária. E mais, o nome da personagem que envia a mensagem e conduz o protagonista à verdade é Trinity (nome associado ao termo trindade).



Figura 3 – Cena de *Matrix*.

Nossa solidão é tão ilusória quanto a própria Matrix. Aos espiritualistas que apreciam o pentateuco kardequiano, deixo as observações do codificador da doutrina espiritista: “(...) a Natureza inteira mergulhada no fluído divino (...); não há um ser, ínfimo que o possamos supor, que não esteja saturado por ele, de alguma forma”.⁴⁷ Basta abriremos nossos canais que nosso *wi-fi* captará as intuições necessárias para que possamos seguir nossos coelhos brancos. Numa síntese e linguagem direta: não estamos sós.

Desse movimento pendular entre ficcionais produções cinematográficas e o nosso cotidiano, percebemos que a dor de nossas angústias nos conduz ao autoconhecimento e descobrimento de nosso momento evolutivo, nem sempre afável ao nosso ego. Compreender a origem dessa dor e para onde ela pode levar-nos é o próprio processo de autoconhecimento e abandono das fantasias materialistas, além do saudável distanciamento da imagem romantizada de nós mesmos.

47 KARDEC, Alan. A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo. São Paulo: Lake, 2014, p. 60.

Por fim, um último e derradeiro golpe fatal às nossas fantasias pueris: “Pelos seus frutos os reconheceréis”.⁴⁸ Xeque-mate. Sinto-me obrigado a compartilhar contigo, amigo leitor, as insistentes e indigestas perguntas que faço a mim mesmo: que tipo de pegadas tenho deixado no mundo? Parecem rastros de touro ou de algum anjinho barroco?

Permitam-me continuar algumas das próximas indagações em primeira pessoa: tenho agido conforme meu verbo? Tenho praticado generosidades com minhas próprias mãos e recursos? Quais? Onde? Quando? Talvez tu, caro leitor, defendas um regime distributivista, onde agentes exteriores a ti (governos, coletividades, enfim, os outros) deveriam praticar a bondade em teu lugar. Afinal, quem somos nós? Retóricos sofistas ou pensadores socráticos? Preferimos populismo ou exemplarismo? Atuamos como boi ou boiadeiro? O mais importante é agirmos consoante as leis morais, naturais e imutáveis escritas em nossa própria consciência.

– Escritos em nossa consciência? Que história é essa? Quem as escreveu? Deus?

Essa reflexão está precoce para a presente fase, mas esboçarei uma resposta. Segundo a sabedoria profunda conquistada por respeitabilíssimas tradições espiritualistas, poderíamos responder afirmativamente tal indagação filosófica. Destaco a primeira obra da codificação kardequiana, que claramente confirma que as leis de Deus estão escritas na consciência.⁴⁹ Outras vertentes apontam para estados alterados e elevados de consciência⁵⁰ como possibilidade de acesso a tais princípios transcendentais.

Retornemos à questão da solidão. Em qual dimensão existiria solidão diante da palavra onipresença? Seria a solidão uma ilusão dos sentidos? Joseph Campbell (1904-1987) oferta-nos o mito do herói em aparente solidão. Todavia, nos momentos decisivos, em que tudo parece perdido, surge uma saudável e inesperada interferência,⁵¹ descortinando no-

48 Bíblia (Mateus 7:16).

49 KARDEC, Alan. O livro dos espíritos, questão 621. São Paulo: Lake, 2020, p. 225.

50 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. 2.ed. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020, p. 139-146. Versão PDF.

51 NOVA ACRÓPOLE BRASIL. Mitos heroicos: uma visão comparativa - Lúcia Helena Galvão da Nova Acrópole. Disponível em: <https://youtu.be/vaderF6s6Tw>

vas possibilidades. No momento em que tomamos a heroica decisão de seguir os valores perenes em sacrifício de eventuais ganhos transitórios ou secundários, uma providencial alternativa emerge em nossa jornada. Parafraçando o personagem Morfeu,⁵² de Matrix: “não vejo coincidência, mas providência”.

Seja como for, lembremos que pelas pegadas percebe-se o animal, pelos frutos conhece-se a árvore e pelas obras qualifica-se o homem. Portanto, basta de hipóteses teóricas e respondamos de uma vez por todas as questões: quais as nossas pegadas no mundo? Estamos preparados para vê-las e qualificá-las?

– Pois muito bem, passei a seguir minhas pegadas, minhas tendências e tudo mais. E depois? Onde isso me levará?

52 Morfeu: personagem do filme Matrix, cujo nome refere-se à divindade mitológica grega homônima ligada aos sonhos. Morfeu era um dos filhos de Hipnos, deus do sono.



Estágio III. O vislumbre

*"O canto do rouxinol ecoa
lucidamente. O sol brilha
suavemente, a brisa é amena e os
salgueiros à beira do rio são verdes.
Eis o touro, nada mais pode escon-
dê-lo. Qual artista poderia pintar
essa majestosa cabeça com tais
magníficos chifres?"⁵³*

O primeiro vislumbre do touro ganha tonalidades dramáticas, principalmente para nossa autoimagem. O touro é real e mais robusto do que pensávamos. A calma que antecede a ação cria um clima de suspense. Ainda há tempo para ouvirmos o canto do rouxinol e observarmos as paisagens, mas não há mais espaço para racionalizações furtivas ou terceirizações infantis. O problema está posto.

O touro está visível, ainda que ele tente esconder sua cabeça. Finalmente, a fera está acessível à nossa consciência. O astuto animal posiciona-se entre as árvores e tenta ocultar-se (mecanismos de defesa do ego) na densa floresta, sem sucesso. O perseverante boiadeiro inicia a condução do quadrúpede para alguma clareira ou um campo aberto qualquer, onde haja mais clareza (lucidez) que possibilite uma visão completa do animal.

Talvez nosso herói esteja cansado de correr sem rumo pela floresta. Talvez tenha se precipitado inúmeras vezes, na ânsia de pegar o touro sem o devido ferramental de virtudes a serem desenvolvidas no caminho. Ainda assim, detém o aprendizado de suas ações e o mérito da coragem pelo protagonismo de sua própria jornada.

Aqueles que assistiram as duas películas mencionadas anteriormente, reparem a dramaticidade que os protagonistas enfrentam. Face a face com o problema e prestes a confrontá-lo, definitivamente abandonam as furtivas desculpas mundanas, as acovardadas terceirizações e os infantis mi-mi-mis.⁵⁴ O iminente combate revela-se inevitável.



Figura 4 – Cena de *Matrix*.

54 Coloquialismo que significa a repetição de desculpas para ocultar a própria imaturidade.

O enfrentamento do agente Smith, em *Matrix*, é altamente simbólico em diversos aspectos. O nome Smith é comum, simbolizando sua presença em muitos de nós. Sua vilania advém de uma inteligência artificial e desprovida de sentimentos de empatia. Smith busca uma estabilidade utópica e ilusória do sistema Matrix, simbolizando claramente as nefastas engenharias sociais, as centralizações despóticas e os autoritários materialismos, dentre eles o chamado materialismo histórico.⁵⁵

O agente Smith é pragmático em seus objetivos, utilizando-se desmedidamente da força bruta e ignorando o livre-arbítrio dos demais. Sua vestimenta representa a cultura americana da década de 60, quando os agentes federais (o sistema) vestiam-se dessa forma. As formas e trajes padronizados representam a obsessão pelo controle – supostamente para o bem do sistema – mas não escondem o egocentrismo narcísico do vilão, cujo poder foi desenvolvido para multiplicar sua imagem e tomar corpos alheios para si (obsessão pelo controle). Qualquer semelhança com o populismo despótico da Modernidade não me parece mera coincidência.



Figura 5 – Cena do filme *As Aventuras de Pi*.

Não menos desafiador é o momento em que o protagonista de *As Aventuras de Pi* descobre que, debaixo da lona e no mesmo barco em que se encontra, existe um tigre feroz que o ameaça. O mero vislumbre do animal implica na consciência do mesmo, exigindo do nosso herói a preparação emocional para iniciar o enfrentamento.

⁵⁵ Materialismo histórico é uma teoria político-econômica, desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels, sobre a organização de um poder centralizado da sociedade produtiva no agente estatal.

Olhar a concretude ao nosso redor nem sempre é fácil, motivo pelo qual muitos preferem as narrativas que esmagam a realidade até encaixá-la aos “-ismos” ideológicos de sua preferência. Nesse movimento, surgem as mais ilusórias utopias políticas que nos prometem um mundo perfumado que, na prática, simplesmente não se materializa.

Tais panaceias não passam de engodos, como no filme *A Origem*,⁵⁶ em que o protagonista faz “inserções” mentais, ou seja, inocula informações em cérebros hospedeiros invigilantes,^{57,58} numa espécie de cárcere mental. O personagem principal acaba se perdendo entre o real e o ilusório, como forma de evitar sua culpa e sofrimento atroz pela perda de sua esposa. A mensagem dessa emocionante película é que não devemos viver a falsidade das utopias, mas sim enfrentarmos a distopia dos desafios existenciais, por mais dolorida que seja. É nela que evoluímos.



Figura 6 – Totem verificador da realidade do filme *A Origem*.

Finalmente, vimos o objeto de nosso enfrentamento de frente. Estamos prontos para confrontá-lo? Nessa fase evolutiva, os escapismos acovardados e as infantilidades cedem espaço para a coragem edificante e necessária para a próxima etapa. Na hipótese dos nossos touros e tigres interiores mostrarem-se agressivos demais, recordemos o último trecho da mensagem de Xavier/ Emmanuel, no mesmo capítulo já citado – *Burilamento*: “Nossa luta maior será sempre em nós mesmos. Segue e confia em Deus. Deus te orientará”.⁵⁹

56 A ORIGEM. Direção: Christopher Nolan. Produção: Christopher Nolan, Emma Thomas. Estados Unidos, Reino Unido: Warner Bros, 2010.

57 BRASIL PARALELO. Doutrinação ideológica nas escolas | Conversa paralela. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/episodios-programas/doutrinacao-ideologica-nas-escolas>

58 ESCOLA SEM PARTIDO. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org>

59 XAVIER, Francisco C. Assim vencerás. Brasília: FEB, 2021. Versão digital.

Enquanto os monges do zen budismo interpretam o presente nível como o descortinar do véu de nossa mente ainda deseducada, Dante Alighieri, em seu mencionado poema alegórico, lida com um hábil leopardo⁶⁰ que o impede de subir o monte,⁶¹ senão vejamos:

“Eu havia dado poucos passos, quando, de repente, saltou à minha frente um ágil e alegre leopardo. Astuto, de pelos manchados, de todas as formas ele impedia que eu seguisse adiante. Não adiantava desviar ou buscar um outro caminho pois no final, ele sempre estava lá, bloqueando a minha passagem. Várias vezes tentei vencê-lo. Várias vezes falhei.”⁶²

E continua o poeta italiano, revelando-nos que a vitória sobre o astuto felino demandará coragem e sabedoria. E mais, somente após a aquisição de tais virtudes, ele será capaz de subir o monte. Eis a passagem textual:

“Eu não subi o monte por causa dessa fera. Ela me faz tremer os pulsos. Ajuda-me, sábio famoso! Ajuda-me a enfrentá-la!”⁶³

Notem as similaridades. O presente estágio pode ser interpretado como o ponto de mutação para a ruptura.⁶⁴ As mentes racional e intuitiva ainda estão em conflito, ao invés de interagirem em alinhamento simbiótico.

Nessa fase da jornada, algumas questões ainda podem soar como provocações. Tais pensamentos são as pegadas de nossa mente. Devemos ter consciência que não somos as pegadas, mas o pesquisador que as analisa. Estamos diante das evidências do nosso touro ainda rebelde. Definitivamente, o touro indócil e toda a encrenca de sua indolência estão em nosso colo.

60 Leopardo simboliza o pecado da incontinência (luxúria ou imoderação).

61 Subir o monte representa a ascensão da consciência, da alma ou da *kundalini*, como queiram.

62 ALIGHIERI, Dante. A divina comédia: inferno. Versão em prosa por Helder L. S. da Rocha. São Paulo, 1999, p. 34.

63 Ibidem.

64 RÔSHI, op. cit., p. 17.

Inspiremos longa e profundamente, pois estamos prestes acabar com a calmaria do nosso lago narcísico. O retrato de Dorian Gray⁶⁵ acaba de pegar fogo. Em suma, acabaram-se todas as dúvidas sobre a propriedade do touro. Ele é todinho teu, meu amigo. É chegada a hora de separarmos os homens dos meninos. Os covardes não passarão. Se estiveres pronto, caro leitor, vá em frente e aperte os cintos. A previsão do tempo é de chuvas e trovoadas e nosso avião já levantou voo. Haverá turbulência.

– Espere um segundo, teremos papo ou sopapo?

65 O RETRATO de Dorian Gray. Direção: Oliver Parker. Produção: Barnaby Thompson. Reino Unido: Momentum Pictures, 2009.



Estágio IV. A luta

"Firmemente, ele agarra as rédeas do touro e segura firme com todas as suas forças. A vontade e a agitação do animal ainda são muito fortes para o banimento de sua selvageria.

O tempestuoso combate supera as altas planícies, acima das enevoadas nuvens ou nos desfiladeiros sem caminhos."⁶⁶

Hum... é melhor tirar as crianças da sala. Precisaremos agarrar o touro com firmeza e tenacidade, pois o animal possui tendências complicadas, podendo causar muitos estragos para si mesmo, para a sociedade e para quem mais amamos.

Indócil e insubmisso, suas quatro patas empacam teimosamente, fortalecidas por rígida musculatura e pressionadas por uma boa quantidade de arrobos bovinas. Abram suas mochilas e preparem-se para utilizar cordas e ferramentais de adestramento nada simpáticos. Tal combate nunca foi tranquilo como saborear algodão doce. Aliás, é bom que se diga sem rodeios eufemísticos: haverá necessidade de um bocado de perseverança. Haja disciplina!

Esse é o momento em que tropeçam os românticos, os sonhadores e os ingênuos que ainda acreditam em panaceias salvacionistas, “-ismos” políticos, utopias ideológicas, materialismos, soluções econômicas mágicas⁶⁷ e pozinhos evolutivos do “pirlimpimpim”.⁶⁸ Vamos direto ao ponto: sem ordem, disciplina e algumas amargas desilusões, não superaremos essa fase.

Em geral, percebemos o tropeço dos que tergiversam ou hesitam em compreender a necessidade disciplinar desse momento. Os românticos tendem a dissociar disciplina e amor. É um erro. Disciplina e ordem são recursos inteligentes e tão necessários quanto o amor e a bondade. Inteligência sem amor chafurda no pântano do egocentrismo. Todavia, o amor desprovido de lucidez, racionalidade e malconduzido pelo desregramento perde-se nos labirintos da inadequação e da permissividade excessiva. Somente o casamento entre inteligência e amor, método e bondade, disciplina e amabilidade erguerá o altar para o altruísmo produtivo e, de fato, eficaz.

Alguns exegetas do zen budismo apontam essa fase como o domínio de nossa rebeldia e tagarelice mental. No outro extremo da excitação exagerada, reside a prostração de uma falsa espiritualidade que confunde resignação virtuosa com prostração indolente. Em ambos os casos, o pra-

67 Exemplo: impressão de moeda para cobrir lambanças governamentais.

68 Pó mágico usado por personagens de Monteiro Lobato para transportá-los de um lugar para outro.

ticante ainda não tem forças para dominar os pensamentos de sua mente repleta de vícios, pois carece das virtudes morais da disciplina, da ordem e da moderação, tudo que o insolente animal não deseja.

– Socorro! Os músculos do meu touro possuem dez vezes o meu peso e uma força descomunal. Como poderei vencê-lo?

Resposta: pela vontade inquebrantável do condutor do animal, a saber – o espírito. O momento é de vigor, suor e esforço, eu bem sei. Entretanto, a magnitude do arquétipo do herói é definida pela força do vilão. Quanto mais forte o touro, maior o desafio de enfrentá-lo. A encrenca é grande mesmo, meu caro leitor. Apesar de todo o planejamento e devidas precauções, a jornada reserva-nos uma série de imprevistos e surpresas. Em suma: nosso voo enfrenta aquelas previsões de turbulências, tempestades, raios e...

– Um momento, autor. Para tudo! Eu tracei e mapeei meticulosamente meu plano de voo. E de que adiantou? Meu touro ora escapa pela preguiça, ora pela agitação rebelde, ambas fomentadas por perfumadas ideologias “sociobobocas”.

– E mais, uma vez ou outra o animal ainda se enraivece e passa a distribuir chifradas. De que adiantou mapear a jornada?

Não se trata de menosprezarmos nossos mapas e toda nossa utilíssima preparação, mas apenas admitirmos que os imprevistos aparecerão naturalmente. Em paradoxo linguístico, podemos nos utilizar de uma expressão chistosa: imprevistos são previsíveis.

Antigamente, duvidávamos até mesmo da existência do touro e recusávamos a admitir os rastros de nossos traços-fardos.⁶⁹ Agora, estamos em pleno enfrentamento dos mesmos. Conclusão: obtivemos um substancial progresso. Pois bem, mãos à obra!

⁶⁹ Traço-fardo: termo conscienciológico que designa componente negativo presente na estrutura da consciência, do qual esta ainda não consegue eliminar ou desvencilhar-se até o momento.



Figura 7 – Cena do filme *As Aventuras de Pi*.

Os viajantes mais experientes não titubeiam e fazem uso de todas as ferramentas disponíveis para tal oposição virtuosa. Nosso desbravador usa de seu laço para amarrar o touro e controlá-lo. Os protagonistas de *As Aventuras de Pi* e *Matrix* também não hesitaram e recorreram a instrumentos de auxílio para a referido confronto. Não há espaço nem para a soberba dos valentões, nem para a ingenuidade dos românticos.



Figura 8 – Cena de *Matrix*.

– Auto lá, autor! Agora chega. Onde fica o teu pacifismo nessa história? Afinal, o personagem Neo, de Matrix, distribuiu sopapos para todos os lados, em especial ao combater as várias duplicadas do agente Smith.

O questionamento é legítimo. O momento é de disputa para ver quem manda e quem obedece. Simples assim. Quem subjugará e quem será subjogado. Façam suas apostas: no *corner* esquerdo, o touro; no direito, o espírito. Na história da humanidade, o touro encontra-se bem ranqueado. Não seria o momento de invertermos essa situação? Quem será o cocheiro da carruagem? Quem conduzirá a charrete: o bípede ou o quadrúpede?

Na verdade, não são apostas a serem feitas, mas escolhas. Naquele dia chuvoso, talvez o touro indolente queira ficar dormindo em sua caminha quente e repleta de capim perfumado, mas nosso espírito talvez demande por algo diverso. Quem vencerá? Tu mesmo decidirás, caro leitor.

Sobre o pacifismo, sabemos que a luta é interna, apesar de parecer externa, o que me faz lembrar o fantástico livro sagrado indiano *Bhagavad Gita*, no qual a guerra ocorre em campo aberto (representação similar à da clareira na floresta) e simboliza que a lucidez é necessária para superação dos conflitos interiores. Nesse sentido, sugiro os ensinamentos da filósofa carioca Lúcia Helena Galvão (1964-), elucidando-nos que o simbolismo da guerra contida na obra indiana passa longe do belicismo materialista. O que importa é a batalha interior em prol de nossa própria superação e crescimento.⁷⁰



Figura 9 – Imagem do Bhagavad Gita, na disputa por Hastinapura, a cidade dos elefantes.⁷¹

Em suma, o *Bhagavad Gita*, seja observado como um livro sagrado, um ensinamento moral, uma sublime canção ou um canto divino, conta a história de uma longa batalha entre dois primos (Kuravas e Pandavas), a fim de que o Espírito Trino (trindade superior:⁷² o construtor, o mantenedor e o destruidor) manifeste-se em nós mesmos e assuma o coman-

70 NOVA ACRÓPOLE BRASIL. Bhagavad Gita - Comentários filosóficos sobre o livro sagrado indiano com a Prof. Lúcia Helena Galvão. Disponível em: <https://youtu.be/FYqJ5fwR4Ps>

71 O elefante simboliza, na tradição indiana, o domínio da força pela sensibilidade. A disputa é por um estado de consciência superior.

72 A tradição indiana, como outras tradições religiosas, trabalha com a ideia de divindade ternária. No caso: Brahma, Vishnu e Shiva.

do da mente e dos outros instrumentais do espírito.⁷³ Trata-se de um interessante tratado moral, um texto religioso e uma narração filosófica fascinante e credora do nosso respeito intelectual. Repita-se: a guerra é interior e absolutamente personalíssima.

Num esforço interpretativo, consigo dizer que a ética espiritualista deve orientar o caminho para o domínio de nossa mente, sentimentos e ações em alinhamento às leis transcendentais. Em outra linguagem, treinaremos nossos veículos de manifestação (mental-emocional-energético-físico) para que obedeçam a seu legítimo patrão: o espírito.

Julgo particularmente interessante que, tanto no contexto zen como em Cristo, devemos enfrentar nossas animalidades, controlá-las e tirá-las do comando de nossas vidas, a fim de que adentremos em faixas vibratórias superiores e desenvolvamos maior serenidade interior para a lida com as vicissitudes do mundo. Enfim, que nossas virtudes espirituais assumam o leme de nossa embarcação, tirando-o das mãos dos nossos crescidinhos e indóceis quadrúpedes.

– Eureka! Lembrei-me de uma fala de Jesus com uma estranha moral⁷⁴ no sentido de trazer a espada e não a paz... Enfim, algo assim. Afinal, de que paz estamos falando?

Pergunta interessante. De fato, existe essa passagem, mas vejamos uma outra que parece contradizer a primeira: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou, não a dou como o mundo a dá (...)”.⁷⁵ Na primeira leitura, ficamos confusos. Os textos apresentam dois tipos de paz: uma duradoura, outra fugaz. Uma interna e outra externa. Em suma: o bom e o mau combate.

Alguns intérpretes cristãos^{76,77} apresentam-nos visões igualmente interessantes e incrivelmente similares ao que aqui aduzimos. A luta cristã é in-

73 Quatro veículos do espírito: 1. Mental (racional). 2. Emocional (psicossomático ou perispiritual). 3. Energético (fluídico). 4. Somático (físico).

74 KARDEC, Alan. O evangelho segundo o espiritismo. São Paulo: Lake: 2019, p. 222.

75 Bíblia (João 14:27).

76 NEPE PAULO DE TARSO. Não vim trazer a paz, mas a espada - Artur Valadares. Disponível em: <https://youtu.be/b9lYzZXuow>

77 CASA ESPÍRITA SEARA DE LUZ. “Não vim trazer a paz, mas espada” - Mateus, 10, 34 - Qual o significado? Jorge Elarrat. Disponível em: <https://youtu.be/HEdVfCAHPxw>

terna, entre os vícios do homem velho e as virtudes do novo, entre Saulo e Paulo, entre a paz *do* mundo e a paz *no* mundo, entre o horror do combate fraticida e a edificante peleia evolutiva interna. As lutas exteriores buscam a paz enganosa, em prol das estabilidades mundanas. As peleias interiores objetivam a verdadeira paz, edificada em bases espiritualistas, seja pelo viés zen, seja pelo prisma cristão.

Destacarei a sabedoria de Xavier/Emmanuel, ao interpretar a metáfora da espada, contida no Evangelho de Mateus:⁷⁸ “Com Jesus, no entanto, a espada é diferente. Voltada para o seio da terra, representa a cruz em que Ele mesmo prestou o testemunho supremo do sacrifício e da morte pelo bem de todos. (...) Assim, se recebeste a espada simbólica que o Mestre nos trouxe à vida, lembra-te que a batalha instituída pela lição do Senhor permanece viva e rija, *dentro de nós*,⁷⁹ a fim de que, ensarilhando sobre o pretérito a espada de nossa antiga insensatez, venhamos a convertê-la na cruz redentora, em que combateremos os inimigos de nossa paz, ocultos em nosso próprio ‘eu’, em forma de orgulho e intemperança, egoísmo e animalidade (...)”.⁸⁰

A transcrição acima dispensa maiores considerações. Ainda assim, acrescentarei apenas os comentários dos mesmos autores, na obra *Justiça Divina*, sob o capítulo intitulado *Bom combate*: “(...) em toda parte, o verdadeiro campo de luta somos nós mesmos”.⁸¹

– *Caramba! Esse tal Emmanuel falou do Evangelho como se interpretasse essas xilogravuras zen. Impressionante.*

Eu sempre me espanto com tais paralelismos interpretativos. Permita-me, amigo leitor, um pleonasma: a verdade é a verdade, independente do “-ismo” ou da vertente na qual ela esteja hospedada. A expressão “minha” ou “tua” verdade resta estranha e filosoficamente desconfortável. Os princípios espirituais (ou morais, como queiram) estão didaticamente disseminados em muitos locais e de infinitas maneiras, tanto em alguns

78 Bíblia (Mateus 10:34).

79 Destaque do autor.

80 XAVIER, Francisco C. Ceifa de Luz. Brasília: FEB, 2013. Versão digital.

81 XAVIER, Francisco C. Justiça Divina. Brasília: FEB, 2013. Versão digital.

“-ismos” de nossa predileção, como nas próprias leis naturais e universais que regem o universo. Se não vemos ou distorcemos tais princípios, o problema não está nos professores, mas na nossa cegueira.

Diante disso, convido todos a perceberem que a didática transcendente esteve presente nos mitos da Antiguidade e está, atualmente, em sintonia com as modernas descobertas científicas. Aliás, encontraremos todas essas lições na “mera” observação da natureza, nos fluxos migratórios, nas mais diversas expressões artísticas e, inclusive, em alguns filmes de ficção. A verdade revela-se até mesmo pelo sofrimento causado por “-ismos” materialistas, ou seja, tanto no acerto como no erro, tanto na ascensão como na queda. A verdade não precisa de escudos ou espadas, ela simplesmente é.

– Entendi. Basta vermos os “-ismos” ideológicos que não deram certo repetidamente. A verdade é que eles simplesmente não funcionam. Seria isso?

Ofertaste um bom exemplo, querido leitor. Que saudade dos bons filósofos para ajudar-nos nessa tarefa! Alguns “-ismos” são maravilhosos, outros não. Simples assim. Todavia, não adianta chorarmos a falta de cérebros pensantes entre os supostos intelectuais e a óbvia carência ética que nos circunda, afinal de contas, estamos em plena batalha e temos uma indigesta carne bovina para digerir.

A película *Guerra nas Estrelas*,⁸² de George Lucas (1944-) e Joseph Campbell (1904-1987), oferta-nos simbolismos semelhantes e também nos permite interpretá-la como uma batalha interior. Interessante notar que o protagonista principal – que assume o arquétipo do herói – não se destaca por bíceps avantajados, armas superiores ou algum extravagante superpoder, mas justamente por sua conexão com o transcendente: “a Força”. Vale destacar que o poder de um *Jedi*⁸³ flui naturalmente da Força, sem artificialismos. Face à obviedade do simbolismo dessa ficção hollywoodiana, desnecessário comentar seu significado, restando apenas ofertar ao leitor a seguinte expressão: “que a Força esteja com você”.

82 STAR Wars. Direção: George Lucas. Produção: Gary Kurtz. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1977.

83 A palavra *Jedi* significa “os cavaleiros do bom lado da Força”.



Figura 10 – Cena clássica de *Star Wars*: luta de Luke e Darth Vader.

O nome do personagem Luke Skywalker, também merece destaque. *Luke*, além de manter conexão com seu criador (George *Lucas*), também significa iluminado. *Skywalker* dispensa maiores explicações, pois literalmente significa andarilho do céu. O nome de seu pai biológico, Darth Vader, admite uma série de interpretações, desde a ideia de um “dardo do pai” até uma combinação de palavras remetendo-nos a uma sombria herança ancestral (cármica, numa interpretação mais ousada) nessa batalha.

A obra *The Zen ox-herding pictures* fornece-nos interessante ensinamento sobre essa etapa, deixando claro não ser suficiente a mera experiência ou *insight* do touro como símbolo de nossa mente ou essência.⁸⁴ Apesar dos intrigantes debates em torno da conceituação e diferenciação entre mente e essência,⁸⁵ a proposta da presente obra não nos permite adentrar nesse detalhamento. Independentemente dessa questão paralela, eu aprecio a mensagem zen pela compreensão de que devemos seguir adiante, enfrentarmos e domarmos nosso touro se quisermos voltar para casa montados nele e, finalmente, transcendê-lo.

Enquanto nossos corações acolherem, e até mesmo aprisionarem, um touro indomado (mente/emoções deseducadas), necessitaremos de dobrada vigília e largos cabrestos para nossas respectivas patas e focinhos (ações e palavras desequilibradas). Diante da expressão religiosa “orai e vigiai”, a presente etapa evolutiva destaca o verbo vigiar. Aliás, como está tua disciplina, caro amigo leitor? Teu touro está bem amarrado?

84 KOPP, op. cit.

85 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. 2.ed. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020, p. 239-244. Versão PDF.

Respondidas as intrigantes indagações que me permiti a provocação de formular na segunda pessoa, podemos imaginar uma série de outras questões igualmente provocativas para todos nós. Quantos percalços ainda serão necessários antes da próxima fase?

– Compreendi o valor da ordem, da disciplina e que a jornada é interior. Sinto-me pronto para exercitar tais virtudes duramente conquistadas. Aliás, considerando o enorme dispêndio de energia dessa fase, solicito ao autor que façamos isso o mais rapidamente possível.



Estágio V. O treinamento

“Chicote e rédea são necessários. Não se deve saltá-lo nem por um instante. Caso contrário, o touro fugirá pela estrada empoeirada. Todavia, quando bem domado, torna-se paciente e dócil, seguindo o pastor voluntariamente, mesmo sem rédeas ou cordas.”⁸⁶

Ufa! O pior já passou, mas a expressão “orai e vigiai” não deve ser negligenciada. Está cada vez menos necessário estalar o chicote da verdade e apertar as cordas da justiça, pois tais conceitos passam a ser apreciados sem dores ou constrangimentos. De fato, cada vez mais nos hidratamos por meio do cantil da serenidade. Passamos a chamar nosso touro de boizinho, porém seu olhar ainda mostra certo inconformismo. Ambos estão cansados da luta e o touro permite ser guiado, mas ainda bufa insatisfeito de tempos em tempos.

Embora os momentos de calma possibilitem reflexões, meditações, orações, contemplações e gostosas caminhadas mais frequentes, a prudência recomenda não afrouxar as cordas até que a domesticação se consolide.

– Maravilha, caro autor! Chega de lutas e “sopapos”, não é mesmo? Entendi que devemos manter a vigilância e estou aliviado por ter superado a fase anterior.

Nosso herói já consegue conter seus maus hábitos com maior inteligência e menor esforço. Nesse momento, adquirimos mais confiança nos diálogos e uma boa dose de moderação convenientemente atuante e perceptível, tanto em nossas palavras como em nossas ações. O que nos desagrada, repudiamos com uma firme, clara e eficiente negativa, porém de maneira serena e educada.



Figura 11 – Cena de *Matrix*.

No caso de *Matrix*, a referida serenidade está contida na expressão facial do personagem Neo, pois este sabe não necessitar de grandes esforços para conter os projéteis disparados contra si. Após as exaustivas descargas

de adrenalina da fase anterior, percebemos que o enfrentamento calmo e confiante de nossos problemas delega-nos uma sintética assertividade e, conseqüentemente, menor desgaste.

Já na obra cinematográfica *As Aventuras de Pi*, após sofrimentos, sustos e lutas, o protagonista avança para procedimentos dotados de maior estratégia e inicia o treinamento do tigre que o acompanha em sua travessia pelo oceano da vida. Finalmente, percebemos que o processo evolutivo não é uma corrida de cem metros rasos, mas uma maratona.



Figura 12 – Cena do filme *As Aventuras de Pi*.

Visivelmente, o herói indiano age com cautela, precaução, inteligência e estratégia comunicativa com o felino a ser domado. Nosso protagonista percebe que o animal também tem seus medos, suas inseguranças e talvez seja mais facilmente domesticado se a dinâmica de suas reações for compreendida.

O final dessa intrigante etapa é marcado pela compreensão de que os “sopapos” e toda a pancadaria anterior tornaram-se dispensáveis e o “papo” (comunicação assertiva e serena) deve ser iniciado e protagonizado pelo mais evoluído, empregando-se de uma linguagem acessível para não aterrorizar ou assustar os educandos “entourecidos”.

Interessante notarmos que a humanidade, por inúmeras vezes, utilizou-se de símbolos imaginários, e até mesmo míticos, para representar o domínio da polidez e da urbanidade sobre a brutalidade e o descontrole animais. Curiosamente, algumas dessas representações usam o elemento feminino como agente dominador da força bruta.



Figura 13 – Arcano VIII: A Força.

No Tarot, a carta correspondente ao arcano VIII - A Força, traz a imagem de uma jovem mulher que doma um leão fitando-o com doçura e acariciando-o. Nesse caso, estamos diante da simbologia do controle de nossa animalidade pelas virtudes da gentileza, da doçura e da sutileza como elementos de acalmia e maior eficiência na domesticação da brutalidade, da impolidez e do descontrole bestificantes. A aba do majestoso chapéu que adorna graciosamente a cabeça da dama porta o símbolo do infinito, sinalizando que as virtudes adquiridas incluem e transcendem a racionalidade temporal, além de desaguarem placidamente nos oceanos da eternidade. Tratam-se de leis naturais e imutáveis, em gloriosa transcendência sobre as soluções efêmeras.

Todavia, nem tudo é automático e fluido na imagem acima, pois a formosa dama alourada ainda necessita das mãos para controlar a boca do leão. Vale dizer, o animal ainda necessita de atuação e acompanhamento, pois seu adestramento ainda não foi concluído.

Os protagonistas dessa fase evolutiva firmaram a consciência de que não é o mundo exterior ou as outras pessoas que os conduziram ao sofrimento, à revolta ou ao erro, mas eles próprios. É uma consciência e tanto. Aqueles que aqui chegaram merecem meu mais profundo respeito e admiração. Inundados por júbilos e regozijos, podemos afirmar que nossos heróis adentraram na “adulthood” espiritual.

Precisamente nessa fase da jornada, a monja budista Coen relembra a frase de Buda: “A mente humana deve ser mais temida do que cobras venenosas e assaltantes vingadores”.⁸⁷ Os exegetas do zen budismo interpretam essa fase como o momento em que o discípulo consegue controlar sua mente, mas não totalmente. Não se trata de um domínio verdadeiro, pois seu treinamento não estaria consolidado e ainda necessitamos de cordas para a condução do animal. Vale dizer, apesar da comemoração ser merecida, o momento ainda requer cuidados.

Por fim, toda essa poderosa simbologia representa o momento de transição, cujo risco de retrocesso para os exaustivos combates, embora existam, ficam cada vez mais distantes. Estamos prestes a testemunhar o nascimento do homem temperante, pacífico e capaz de lidar satisfatoriamente com suas animalidades. Ele não mais tropeça no frenesi do perde-ganha individualista, nos fanatismos coletivistas ou na tolice do “nós *versus* eles”.⁸⁸

O momento requer lucidez para tratar as mazelas próprias e ajustarmos-nos para bem lidarmos com os desajustes do próximo e, obviamente, de nós próprios. Adquirimos a consciência de como acalmar e conduzir nosso touro e, também, como lidar com os indóceis bovinos alheios, que ainda nos cercam e também nos incomodam, mas não mais nos escravizam. Enfim, compreendemos que podemos e devemos atuar com maior sabedoria no enfrentamento de toda essa manada.

Os mugidos estridentes e os relinchos alheios são respondidos com polidez e perfeito domínio da linguagem, sem perder a firmeza, a assertividade e a altivez. O que antes nos ofendia, hoje esbarra em nosso autodomínio. A insensatez alheia não mais ecoa em nosso interior, pois encontra a barreira da temperança. E mais, o bálsamo vivificante da empatia pelo semelhante parece não estar tão longe, pois percebemos que o próximo também possui suas dificuldades em lidar com suas próprias “bovinidades”.

87 RÔSHI, op. cit., p. 24.

88 Lutas de classes e etnocentrismos/coletivismos primitivos, infantis ou preconceituosos.

Como reagimos diante das vicissitudes mundanas? Evidentemente, não daremos guarida àquele político corrupto e seus genuflexos adoradores. Também sabemos que não é fácil suportar o chefe despótico ou aquele parente intrometido que não nos deixa em paz. Todavia, amigo leitor, consegues vê-los como *irmãos* endividados com as leis transcendentais e em sérias dificuldades espirituais? Inegavelmente, tratam-se de irmãos imaturos, tolos, inconsequentes e até mesmo sombrios, mas irmãos.

– Compreendo perfeitamente, autor. Sinto que meu touro não mais estica as cordas e faz tempo que não bufa insatisfeito. O treinamento foi árduo, mas não tenho dúvida alguma de que valeu a pena. Felizmente, a grama perfumada não mais o seduz. Porém, como saber se o treinamento pode ser encerrado?



Estágio VI. A sintonia

“Em prazerosa serenidade, retorna ao lar montado no touro. No distante e nas brumas do entardecer, o som de sua flauta continua a ressoar.

Sua canção marca o tempo com seu significado profundo. Ele precisa de palavras? Quem compreenderia o significado profundo das mesmas?”⁸⁹

O momento porta a suavidade oriunda de uma doce pacificação íntima. As virtudes conquistadas e sedimentadas são fontes de onde jorram límpidas águas para nos inundarmos de paz, simplicidade, autoestima e confiança. O touro nada demanda, nem mesmo um talo de capim. Definitivamente, o treinamento fora bem-sucedido. Consolidou-se o espírito temperante que toca a canção da vida em sua flauta.

Nossa consciência moral encontra-se em plena regência de nossa vida. Pensamentos, sentimentos e ações unem-se e produzem harmônicos acordes, vivificando a melodia regida pelo espírito, cuja partitura fora escrita pelo Compositor Universal. Para a alegria de todos os envolvidos, as hierarquias naturais e o legítimo ordenamento das coisas apoderam-se de suas funções. Finalmente, é o menino que empina a pipa e não vice-versa. Finalmente, charreteiro, charrete e cavalo estão em seus devidos lugares. Enfim, o espírito conduz equilibradamente o animal devidamente pacificado.

Vigora a graça e a harmonia. A conciliação entre assertividade e gentileza finalmente dispensam a exaustiva vigília. O touro não é mais um opositor, mas um importante instrumento evolutivo. Os poderosos músculos que tanto feriram passam a otimizar virtuosos trabalhos na edificação do bem.

As falsas hierarquias cedem espaço para as verdadeiras. Triunfa a legitimidade meritória a favor de todos. O cirurgião solicita o bisturi e o instrumentista obedece, não por obrigações profissionais ou sociais, mas porque ambos possuem o interesse comum em prol da vida do paciente e estão conscientes do meritório papel de cada um. Em outras palavras, a vida do paciente depende de uma hierarquia legítima, justa e meritória, além de um ambiente ordeiro, sereno e harmônico.

Nossas incômodas vicissitudes transformam-se em edificantes propulsores de nossa evolução. Jamais esquecerei as aulinhas de Karatê de minha infância, nas quais tínhamos que agradecer o opositor que nos golpeava. Quando questioneei o sensei sobre as razões de tal costume (parecia-me uma barbaridade até então), recebi uma resposta inusitada: “aquele que te golpeia, elucida-te sobre a falha da tua luta. Não é o golpe, mas o ensinamento que deve ser agradecido. Agradeça o ensinamento e melhore tua esQUIVA defensiva”.

A filosofia racionalista cristã porta mensagem similar, em linguagem direta e sem rodeios ou simbolismos: “Jamais o espírito deverá se deixar abater. Um revés não significa mais que um incidente passageiro. Ele deve servir para chamar a atenção para algo que foi negligenciado ou que era desconhecido. Muitas vezes, chega a ser até útil”.⁹⁰

Nesse nível evolutivo, não há mais espaço para mágoas, vinganças ou infantilidades pretensamente revolucionárias ou reacionais, eis que compreendemos a utilidade e a necessidade didática de todo o processo vivenciado para o esplendor de nossa evolução, ainda que os golpes tenham sido dolorosos.

Eventuais verdugos em nossos caminhos são vistos apenas como seres imaturos que, futuramente, mendigarão nosso perdão. Muitas vezes, atuaremos com vigor em nossa defesa, mas desprovidos de sentimentos sombrios. Não mais confundimos a imposição da justiça e de nossa legítima defesa com reações vingativas. Compreendemos que as vilanias mundanas denotam a miséria moral de seus praticantes, pois eles também portam a necessidade de dolorosos aprendizados. Passamos a lamentar não somente pelos sofredores, mas também pelos trevosos que fazem sofrer, pois os inescrupulosos, os intrometidos, os déspotas e todos os malfeitores colheirão os horrendos frutos das más sementes plantadas por eles próprios.

– Como assim? Isso já é demais! Qual a lógica de termos compaixão não somente pelo agredido, mas também pelo agressor?

Se levarmos em consideração as leis de causa e efeito transcendentais (justiça divina, lei do retorno ou carma, se preferires) veremos que os malfeitores de hoje terão muito a arrepender/expiar/resgatar no amanhã. Talvez estejam candidatando-se ou, até mesmo, condenando-se a serem as “vítimas” e os sofredores do porvir. Não se trata de minimizar as gravíssimas consequências cármicas dos algozes, mas interpretá-las por novos ângulos. O binômio algoz-vítima parece um insistente e repetitivo barulho de disco riscado, um doloroso círculo vicioso e um cárcere a ser aberto pela chave do binômio arrependimento-perdão.

90 MATTOS, Luiz. A vida fora da matéria. 15.ed. Rio de Janeiro: Centro Redentor, 1977, p. 37.

– Eureka! Meu touro está calmo e eu consegui entender essa parte. No entanto, quem deverá dar o primeiro passo, algoz ou vítima?

A lógica mundana exigirá o primeiro passo do algoz. Todavia, um boia-deiro que compreenda a sintonia ascendente-transcendente e descendente-imanente responderá que o primeiro passo será dado pelo detentor de maior maturidade. Querido leitor, lembrás do sermão da montanha? Pois bem, seu significado profundo reverbera neste nível com maior facilidade. Trata-se de um elevado patamar de consciência para compreendermos tais palavras:

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós”.⁹¹

Farei uso da jocosidade de um estudioso mineiro:⁹² “Existe muita injustiça no mundo, mas nenhum injustiçado”. Mesmo se considerarmos o co-

91 Bíblia (Mateus 5:1-12).

92 Dias, Haroldo Dutra. Injustiça x injustiçado. Disponível em: <https://youtu.be/zW-05ze9tB0>

mentário chistoso como mera hipérbole linguística, podemos extrair ensinamentos preciosos dessa síntese. Noutras palavras, podemos dizer que a lei de causa e efeito multidimensional está em ação em nossas relações, para muito além de nossa atual existência corpórea. Cabe-nos pacificá-las com nossa flauta. Somente neste nível temos competência para tanto.

A compaixão não se dá pelos equívocos e infâmias do malfeitor de plantão, mas pelo sofrimento que o espera no porvir. Em suma: todos nós somos herdeiros de nossas próprias ações. Portanto, o malfeitor sorverá o veneno de sua própria vilania.

– Entendi a relação, caro autor. Todavia, ainda encontro alguma dificuldade com meus sentimentos. Como conciliar justiça e misericórdia?

Apesar do aspecto desafiador da questão, arriscarei um esboço de resposta: a lei de causa e efeito atuará em justa expiação reparadora associada ao componente didático que oportunizará um robusto aprendizado ao educando. Entre a justa reparação e misericórdia, encontramos a experiência educadora, ou seja, justiça e amor numa mesma ação transcendente e satisfatória aos rigores disciplinares da justiça e aos beneplácitos dulcificantes do amor.



Figura 14 – Cena do filme *As Aventuras de Pi*.

Em *As Aventuras de Pi*, o personagem principal também apaziguou o tigre alojado em seu barco e ambos olham para o mesmo horizonte. Em *Matrix*, Neo apresenta-se diante do programador. O protagonista conjuga o heroísmo e a serenidade de quem escolheu manter a esperança, mesmo contra as probabilidades matemáticas dos engenheiros sociais.

Neo usa seu livre arbítrio na direção correta, apesar do programador de Matrix tentar uma manipulação e apresentar-se como uma espécie de demiurgo virtual. Na verdade, o programador (engenheiro social) é uma falsa divindade, tão enganosa quanto a própria Matrix. O mundano jamais superará o transcendente. Em suma: os engenheiros sociais estão condenados ao fracasso, pois jamais terão estofamento suficiente para ocupar um lugar que não lhes pertence. A arrogância do engenheiro social de *Matrix* escapa em sua irônica pergunta: “O que achas que sou? Humano?”



Figura 15 – Cena de *Matrix*.

Neste nível, superamos as influências externas e agimos por nós próprios. Colocamos nosso livre-arbítrio em sintonia com as leis universais, apesar das pressões mesológicas em sentido contrário (tentações, em linguagem religiosa). O escritor Mihaly Csikszentmihalyi propõe a existência de um fluxo evolutivo e sugere que permaneçamos nele.⁹³ Em sua obra *Flow*,⁹⁴ o citado autor destaca a importância de um estado mental altamente focado e aponta para o interior como via de acesso. Senão vejamos: “Quem aprende a controlar sua experiência interior é capaz de determinar a qualidade de sua existência”.⁹⁵ Csikszentmihalyi continua: “Quem conhece seus desejos e trabalha com o propósito para atingi-los é alguém cujos sentimentos, pensamentos e ações são congruentes entre si e, portanto, alguém que conquistou a harmonia interior”. Endosso a prioridade dada pelo autor no tocante ao controle interior.

93 CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

94 CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Flow: a psicologia do alto desempenho e da felicidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020. Versão digital.

95 Ibidem.

Todavia, solicito licença para acrescentar ao citado autor croata que o fluxo do presente estágio evolutivo exige algo mais que o “mero” alinhamento de pensamentos, sentimentos e ações. Tal alinhamento não ocorrerá apenas entre essas três instâncias, mas também em sintonia com as leis universais e imutáveis que regem o universo.⁹⁶ Alguns chamarão de sintonia com o *dharma* (ou simplesmente darma⁹⁷), com o transcendente, com nossa consciência profunda e até mesmo com Deus. De nossa parte, abraçaremos carinhosamente e respeitaremos todas as terminologias.

Nessa etapa de consciência, nosso coração se acalma e ficamos abertos para sintonizar nosso rádio com frequências mais elevadas. Na simbologia mítica do Tarot, o arcano VII - O Carro traz a imagem do condutor em posição de superioridade, enquanto os cavalos acompanham seu olhar e prestam-lhe serviço útil ao seguirem seu comando. O símbolo indica que os instrumentos racionais, emocionais, atitudinais e instintuais aliam-se em saudável submissão hierárquica ao espírito. Aquilo que era visto como empecilho estagnador adquire expressiva ressignificação e apresenta-se como alavanca propulsora de novos aprendizados.



Figura 16 – Arcano VII: O Carro.

96 Sintonia entre Deus-espírito-pensamento-sentimento-ação.

97 Darma pode ser compreendido, etimologicamente, como “o que está estabelecido”, ou “a lei”, ou ainda, “o nosso dever”. Nos trechos mais antigos dos Vedas hindus, que deram origem ao termo, darma significava algo como “a lei cósmica” (Dhammapada: o caminho do darma. Textos para Reflexão, 2018. Versão digital.).

Como dissemos, as afinadas notas musicais de nossas virtudes unem-se num glorificante acorde. O touro usa sua força para carregar o peregrino e seus apetrechos. Nosso herói aprendeu a usar a flauta e conquistou a possibilidade de comunicação com o touro através da suavidade. Para tanto, compreende que transcendência e imanência interagem em harmonia. Não há mais conflito entre elas. Dessa forma, nosso peregrino-zen conduz seu touro sem esforço e, montado nele, chegará em casa.

– Ora, ora, ora! Tem algo de estranho nessa transição, querido autor. Se o nosso boizinho está tão pacificado assim, por que não lhe concedemos a liberdade? Não seria uma libertação para nós próprios?



Estágio VII. A não-dualidade

*“Montado no touro, ele voltou ao lar.
Porém, não se vê mais o touro. Sozinho,
o boiadeiro senta-se satisfeito,
relaxado e silencioso.
O dia está amanhecendo e o sol
avermelhado está nas alturas celestes.
A claridade da luz brilha intensamente
desde tempos imemoriais.
Em sua casa coberta de palha, o chicote
e a rédea jazem ociosas.”⁹⁸*

Na quietude contemplativa, nossa intuição ajuda-nos a perceber a ponte entre os elementos materiais e espirituais. Numa linguagem oriental, não há dualidade quando nossas ações alinham-se ao *dharma*. Não há mais material e espiritual. Tudo é espiritual. A expressão “ação corpórea” é substituída por “manifestação espiritual através do corpo”. A diferença é, ao mesmo tempo, sutil e gigantesca.

O trino alinha-se ao quaternário e tudo reflete a unidade. Aliás, o quaternário taurino chega a ser dispensável. Aos que preferem o linguajar ocidental, podemos dizer que adquirimos consciência de nossa essência espiritual e faremos dela o nosso consolador refúgio, ainda que tenhamos que lidar com veículos de manifestação materiais. Por fim, sentimos em nossos corações um gradual saciar daquela saudade de nossa verdadeira morada: a espiritualidade.

- Ora bolas, caçarolas, não é que o touro sumiu? Parece que faz tanto tempo...

O touro fez parte de nossa natureza primitiva; ele fora acolhido e transcendido. Algumas tradições preferem a expressão “touro esquecido”. Talvez os psicólogos gostem mais da expressão “touro sublimado”. Seja como for, ele foi útil, mas não é mais necessário.

Imaginemos o fluxo evolutivo do universo (chame-o de leis divinas,⁹⁹ leis naturais e imutáveis,¹⁰⁰ leis cósmicas¹⁰¹ ou *dharma*,¹⁰² se preferires) representado por uma seta apontada para cima, simbolizando uma ponte ou fluxo evolutivo ascendente, suave, harmônico e sereno. Agora, imagine alguns desvios desse caminho convergente, ou ainda, uma evolução também ascendente, mas tortuosa. A Figura 17, a seguir, é uma tentativa de ilustrar esse pensamento.

99 Leis divinas: linguagem de inúmeras e respeitáveis tradições religiosas.

100 Leis naturais e imutáveis: expressão utilizada pelo racionalismo cristão.

101 Leis cósmicas: expressão de predileção de alguns parapsicólogos e certas vertentes esotéricas.

102 *Dharma e karma*: termos adotados pelas tradições budista e hinduísta.

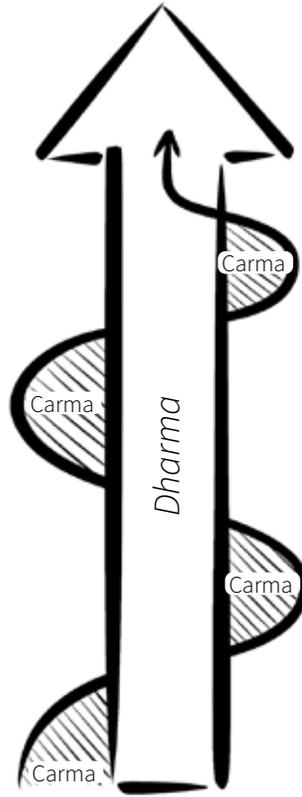


Figura 17 – *Dharma* como fluxo evolutivo e carma (karma) como desvio a ser corrigido.

Esses desvios, ou desalinhamentos, das leis naturais e perenes são chamados, dentre outras designações, de pecado,¹⁰³ carma (*karma*), heresia ou desvios evolutivos e, infelizmente, muita violência foi originada por suas más interpretações e grosseiro reducionismo. Outras perspectivas, embora limitadas aos seus respectivos contextos, são aceitáveis, pacíficas e apresentam tais desvios através de símbolos, como a floresta densa e escura da narrativa zen, o inferno de Dante, o labirinto do Minotauro, a caverna de Platão, o lago de Narciso etc. De nossa parte, respeitaremos todas as designações, sejam elas religiosas, psicológicas, mitológicas, simbólicas, filosóficas, sociológicas, antropológicas ou quaisquer outras.

103 ESPIRITUALIDADE E VIDA. 028 | O EVANGELHO DE JOÃO - Haroldo Dutra Dias, Estudando. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/cjhptbhJF54?>

No presente estágio de consciência, as crises existenciais e os pilões corretivos são vistos como vetores ou setas iniciativas que nos reconduzem para o norte evolutivo, como se tivéssemos um “GPS-dármico”¹⁰⁴ que recalculasse a rota quando nos desviássemos do caminho. Portanto, se reconhecermos a utilidade evolutiva até mesmo do dolorido pilão, a ponte não-dual restará edificada. A embaraçosa corrigenda fora mesmo necessária e a intensidade das pancadas correspondeu ao tamanho da teimosia do nosso boizinho rebelde. Entretanto, isso é passado.

Felizmente, na consciência da não-dualidade, a navegação pelos rios evolutivos encontra correnteza favorável. Compreendemos que o carma exerce uma força centrífuga, empurrando-nos para o fluxo centrípeto do *dharma*. Se observarmos tais forças por uma visão não-dual, perceberemos que tanto o vento dármico, como o cármico, sopram para o mesmo Grande Foco.¹⁰⁵ A todos os irmãos que chamarem tais caminhos de *jornada-zen*, *jornada-cristã*, *jornada-evolutiva* ou outras designações que lhes pareçam mais apropriadas, delegeo o mesmo afetuoso abraço fraternal.

Uma vez adquirida a consciência não-dual, emerge naturalmente a confiança nos fluxos evolutivos ou dármicos, na inteligência cósmica, na onipresença divina, enfim, nas leis naturais e imutáveis que regem o universo. Repare que usamos estruturas linguísticas de diversas vertentes transcendentais para expressar o mesmo conceito. Pouco importa se usamos significantes mitológicos, simbólicos, científicos, filosóficos ou religiosos, desde que entendamos a mensagem. Importam menos os significantes e mais os significados. Em outras palavras, vale mais o quadro que a moldura.

Aprendizado similar podemos deduzir dos autores Xavier/Emmanuel,¹⁰⁶ em capítulo portador do sugestivo título *O maior problema: o homem é o centro*. O mundo é a periferia. Todas as questões políticas e administrativas, todos os enigmas sociológicos e passionais que espalham na Terra as mais constrangedoras crises, dependem da solução de um magno desafio para serem convenientemente decifrados, *o problema do reajuste da nossa própria alma ante as Leis Divinas*” (grifo do autor).

104 Dármico: aportuguesamos o adjetivo oriundo do termo *dharma*.

105 O racionalismo cristão refere-se à Deus pela expressão Grande Foco.

106 XAVIER, Francisco C. Assim vencerás. Brasília: FEB, 2021. Versão digital.

A monja Coen Rôshi relembra a frase do mestre Eihei Dogen (1200-1253), fundador da tradição Soto Zen Shu: “corpo-mente abandonados”. Enfim, tudo caminha para o *dharma*.

– Um momento! Eu não estou habituado com essa nomenclatura oriental e com tantos simbolismos. Não poderíamos simplesmente afirmar que tudo caminha para Deus e ponto final?

Prezado leitor, confesso que eu também estou mais familiarizado com as tradições ocidentais, mas me permito abraçar e agradecer a todas as tradições de sabedoria voltadas ao bem. Muitos preferem o termo Deus, outros usam expressões como Grande Foco, Inteligência Cósmica ou Grande Arquiteto do Universo. A linguagem obviamente importa, mas a compreensão do conteúdo importa ainda mais. Permita-me insistir que, se entenderes corretamente o significado do conceito, o significante adquirirá importância secundária. Toda a resposta do universo para nós está em nosso fluxo evolutivo. Eis a superação da dualidade.

Dharma e carma, em última análise, servem ao mesmo propósito transcendente. Talvez pudéssemos optar pela expressão “corpo-mente transcendidos”, enquanto forma de indicar o alinhamento máximo entre os corpos mental, emocional, energético e físico (elemento quaternário) com nosso espírito (essência trina, corpo causal, consciência, tríade *atma-budhi-manas* ou a terminologia de sua preferência). Atrevo-me compartilhar tais conjecturas com meus leitores que, ousada e heroicamente, chegaram até aqui.

– Então... parece que muitas coisas foram integradas e outras transcendidas. Afinal, qual a utilidade de uma armadilha quando já se apanhou o coelho? Para que serve uma vara e uma isca se o peixe estiver na cesta?

Ao transcendermos touros, tigres, leões, leopardos, cavalos, coelhos e toda a bicharada, encontramos nosso porto seguro. A dualidade materialista e a infantilidade mimizenta do tipo “nós *versus* eles” ou “opressores *versus* oprimidos” não mais nos perturba desde a fase anterior, mas agora se encontram superadas em definitivo.

Querido leitor, estamos “onde nem a traça, nem a ferrugem consomem e os ladrões não ninam, nem roubam”.¹⁰⁷ Após a ceifa, o joio foi separado do trigo.¹⁰⁸ Nossa serenidade contemplativa assume a unidade integrativa de nossa essência imorredoura.



Figura 18 – Cena do filme *As Aventuras de Pi*.

Em *As Aventuras de Pi*, o antigo barco, instrumento utilíssimo para a tormentosa travessia, encontra-se vazio. Tal ferramenta não é mais necessária, pois o trajeto fora concluído. Na verdade, os touros e os tigres foram instrumentos de integração de nossa essência aos ditames do bem e do justo. Nosso animal fora essencial em determinado momento da jornada. Todavia, como sabemos desde o nível anterior e vivenciamos a partir deste patamar não-dual, o touro apenas se transformou em tormento diante de nossa ignorância e nossas deficiências no treinamento e na comunicação com o animal. Ele não é mais necessário ao nosso peregrino-zen e pode retornar calmamente para sua floresta e gozar de um merecido descanso.



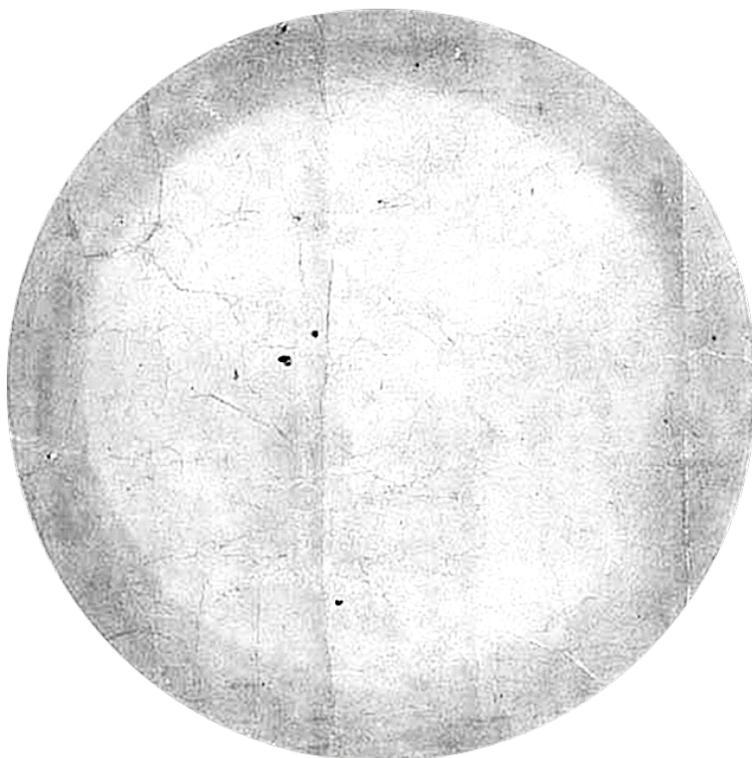
Figura 19 – Cena do filme *As Aventuras de Pi*.

107 Adaptação do texto evangélico Mateus 6:19-21.

108 Referência à parábola evangélica (Bíblia: Mateus 13:24-30).

Diante da não-dualidade, os pronomes possessivos, os conceitos mundanos de justiça e todos os materialismos de plantão sucumbem totalmente prostrados aos fluxos da Justiça Transcendente. Sim, com iniciais maiúsculas e muito além das sombras opacas das leis e tribunais convencionais. Finalmente, estamos prestes a compreender alguns postulados transcendententes e interiorizá-los corretamente, sem adulterações ou deturpações contaminadoras.

– Pois é, meu caro autor... Vejo claramente um lado dessa ponte não-dual entre mente e espírito, mas ainda não sei o que tem na outra ponta. O que sobraré após essa transcendência geral?



Estágio VIII. O vazio

"Chicote, corda, touro e boiadeiro foram completamente dissolvidos no vazio. Diante da infinitude e profundidade do céu azul, inexistem palavras para descrevê-lo. Um floco de neve pode existir num fogo ardente? Uma vez atingido esse estágio, encontra-se a mente das antigas sábias."¹⁰⁹

A versão original do poema transcrito contém a expressão “patriarcas zen” ao invés de “antigos sábios”, como simbolismo da comunhão entre iluminados que atingiram esse avançado estágio evolutivo. Julguei adequada a presente adaptação para o leitor ocidental. Todavia, em respeito ao texto original, deixo o presente registro.

– Socorro! Esse autor endoidou de vez. A imagem desse capítulo não passa de uma moldura vazia. Chamem um psiquiatra!

Muita calma nessa hora. O grande vazio atinge a compreensão de que não transcendemos apenas nossa animalidade, mas também nossa *persona* e tudo que a circunda. Tudo mesmo, desde os apegos do nosso “egozinho” bobo e passageiro, até o nosso nome, identidade, profissão, títulos, honrarias etc. Tudo é passageiro e, portanto, ontologicamente inexistente. Eis o vazio não somente *da* impermanência, mas também *na* impermanência.

Enfim, superamos o fugaz que nos circunda. Dessa vez, a figura não exclui apenas o touro, mas também tudo que pensamos de nós mesmos e todo o contexto em que estamos inseridos, pois nos conscientizamos de que todos esses elementos provisórios estão fadados ao conceito de “não-ser”. Tudo desaparece. Resta apenas o círculo vazio, símbolo da completude, onde nada falta e nada excede.

– Hum... será mesmo? Nosso viajante transcendeu essa tal impermanência e esse treco esquisito que esse autor chama de “não-ser”. Todavia, chega desse papo zen filosófico. Afinal, em linguagem cristã, onde estão as diferenças entre o sagrado e o profano nesse vazio?

Em linguagem religiosa, podemos dizer que no vazio desaparecem as diferenças entre sagrado e profano. Tudo é sagrado. Parafraseando a monja Coen, o chicote e a corda são feitos de matérias-primas que não são nem corda, nem chicote. Enfim, numa linguagem zen budista: “budas e criaturas se mesclam”.¹¹⁰ Agora, atendendo ao justo pedido do meu leitor, segue o conceito através de palavreado cristão: Deus é bondade infinita; somos essencialmente criação de Deus; logo, somos essencialmente bons.

110 RÔSHI, op. cit., p. 36.

Pela ilustração do patamar não-dual, atingimos o nível de consciência de que tudo caminha *para* o fluxo dármico. Agora, no vazio, vivenciamos o caminho *por* tal fluxo. A chegada e o próprio caminho são partes de um mesmo processo evolutivo. Em outras palavras, sabemos e alinhamos nossa vontade às leis universais e imutáveis que regem o universo. Nosso veleiro sempre recebeu o sopro divino ou evolutivo (como queira o leitor adjetivar), mas somente agora içamos nossas velas que, ao estufarem, impulsionam poderosamente nossa embarcação na direção correta.

Não há carma no vazio, muito menos ilusões ou preocupações materialistas. Somente após esvaziarmos nossos recipientes, pudemos completá-los com as límpidas águas transcendentais que sempre jorraram em nossa direção.

– Ah, meu caro autor... Como é difícil vivenciar esse vazio. Por que esvaziar nosso vaso materialista que tanto nos esforçamos para encher?

Gostei da analogia do vaso, caro leitor. Devemos nos livrar dos apegos, não necessariamente de posses ou objetos. O problema não está no conforto, na tecnologia e nas coisas mundanas, mas em nosso apego a elas. Livremo-nos das impurezas impregnadas em nosso coração e de toda a patologia instaurada em nosso trinômio de manifestação, a saber: pensar-sentir-agir.

Na verdade, esvaziar o vaso é mais que isso, pois a partir do esvaziamento de todos os pensamentos-sentimentos-energias estaremos mais capacitados para receber intuições de andares superiores para, paradoxalmente, emanarmos um novo pensar-sentir-agir.

Em outra alegoria, a emissora transcendente envia-nos sinais constantes, mas nosso pensar-sentir-agir um tanto agitado pode funcionar como ruidosa interferência. Nesse momento, podemos compreender a importância da quietude/contemplação da fase anterior. Os estados de acalmia, serenidade e pacificação íntima do nível antecedente (não-dualidade) edificaram a ponte entre mente e espírito. No vazio ocorre a travessia.

Em linguajar conscienciológico, essa ponte conectaria mentalsoma¹¹¹ e consciência.¹¹² Em linguagem religiosa de viés católico ou protestante, eu arriscaria a expressão “reconexão com Deus”. Numa visão espiritista cristã, mormente considerando que o postulado de que as leis de Deus estariam escritas na própria consciência,¹¹³ eu diria que esse vazio possibilita-nos o acesso a tal ordenamento. Em vocabulário zen, eu diria que estamos diante do passo definitivo para a iluminação. Por fim, se utilizarmos termos da psicologia transpessoal, esvaziamos nosso ego e seus mecanismos bobocas de defesa para, finalmente, acessarmos nosso *self*, ou seja, nosso ser essencial, também conhecido como o “eu-profundo”. Como puderam observar meus leitores no decorrer da reflexões desta obra, meu foco está na apresentação dos conceitos independentemente do viés linguístico utilizado.

Remamos firmemente no fluxo evolutivo com nosso livre-arbítrio, mas também nos entregamos à correnteza dármica, ou seja, às leis naturais e imutáveis que regem o universo. O jargão einsteiniano “Deus não joga dados”, conhecido popularmente como “Deus sabe o que faz”, ganha novo e empolgante significado.

Todos os materialismos históricos, pseudocientíficos, ideológicos e toda a tirania imposta por engenheiros sociais centralizadores vinham enfraquecidos desde os níveis anteriores. Neste nível, porém, jazem no-cauteados e não mais ganham guarida em nosso interior. Em suma, o materialismo desvanece-se por completo, os falsos messias e suas panaceias não mais nos enganam ou seduzem, pois vivenciamos o desapego oriundo do vazio.

Na fase anterior (não-dualidade) edificamos a antena para a captação da transcendência. No estágio atual (vazio), sintonizamo-nos com as tais frequências, pois todas as interferências ruidosas foram eliminadas. Não estamos *em* contemplação, estamos *na* contemplação. Acabou o fora, só existe o dentro.

111 Mentalsoma: neologismo que significa corpo mental ou corpo do discernimento.

112 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentales comparadas. 2.ed. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020, p. 239-244.

113 KARDEC, Alan. O livro dos espíritos, questão 621. São Paulo: Lake, 2020, p. 225.

Figura 20 – Cena de *Matrix*.

Em *Matrix*, o protagonista percebe, vivencia e interage diretamente com a fonte. O ego, seus títulos mundanos, seus rótulos e toda a transitoriedade não importam mais, pois o único foco relevante está em nossa própria essência perene.¹¹⁴ Enfim, passamos a atuar a partir dela. Nasce um novo paradigma, uma cosmovisão que impactará profunda e permanentemente a nossa existência.

Enfim, nossas exitosas conexões transcendentais oriundas do vazio conscientizaram-nos, definitivamente, da impermanência dos nossos apegos, dissolvendo-os como sutis nuvens brancas penteadas pelos ventos da eternidade.

– Bem... já estávamos serenos e contemplativos em nossa morada. Agora, faxinamos a casa e não sobrou uma poeirinha sequer. Algo mais a atingir?

114 Essência perene: essência imorredoura, mônada, *self*, ser essencial, espírito, consciência etc.



Estágio IX. A fonte

*“Ele retornou à fonte. No entanto,
seus passos teriam sido em vão? Seria
melhor ter ficado em sua morada
desde o início?”*

*Sentado em sua palhoça, não mais
anseia pelo externo. As águas correntes
fluem de si mesmas e as flores
vermelhas desabrocham naturalmente
vermelhas.”¹¹⁵*

115 Conjugação e adaptação livre de textos esparsos sobre essa fase.

Poderíamos intitular este capítulo como *Retorno à origem*. Alguns intérpretes do zen budismo assim preferem nominar esse momento de inenarrável plenitude. A vertente budista Mahayana considera a presente figura como a última e utiliza a expressão *Alcançada a fonte* para designar o ápice dessa insólita jornada. Apesar de considerar excelentes tais expressões, preferi designar esse estágio evolutivo simplesmente como *A fonte*.

Enfim, saímos da fonte e retornamos à mesma. Vivenciamos o regozijo da plenitude. Nesse contexto, julgo interessante fazermos um comparativo com o pensamento creditado ao filósofo grego Heráclito (séc. VI-V a.C), segundo o qual ninguém poderia entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se banha novamente, tanto o rio como o próprio banhista já se modificaram. No estágio citado, penso que o fluxo das águas desse rio tenha nos levado ao seu destino oceânico. Tais águas sempre foram cristalinas e o rio talvez seja o mesmo desde tempos imemoriais, mas a consciência do banhista goza de modificada e ampliada lucidez, além de harmonizar-se com níveis evolutivos consideravelmente superiores aos de outrora. Vale dizer, nossa essência parte da inconsciência no primeiro mergulho e encontra-se desperta e consciente no segundo. Em palavras cristãs, a paz em Cristo. No zen, a paz na Fonte. Em suma, um jorrar constante, abundante e infinito de gloriosa iluminação.

Diante disso, parece-nos que a jornada do nosso herói não foi em vão, pois ele lavou o vaso e jogou fora todo o entulho para atingir o vazio. Muitas vezes, passou pelo pilão corretivo do sofrimento, outras vezes preferiu as misericordiosas vias do amor. Nesse momento, vale ecoar a expressão: “o amor cobre uma multidão de pecados”.¹¹⁶ Finalmente, seu vaso fora limpo (o Vazio) e pôde receber as águas cristalinas desse bendito manancial (a Fonte).

Considero inevitáveis os paralelismos entre os dez touros do zen e as quatro verdades budistas sobre o sofrimento no caminho da iluminação, que coloco a seguir:

- Consciência (etapas da busca do touro);
- Origens (vislumbre e enfrentamento);

116 Bíblia (I Pedro, 4:8).

- Interrupção (treinamento e sintonia);
- Cessação (transcendência até a fonte).¹¹⁷

Na presente etapa temos, definitivamente, lucidez teórica e sabedoria oriunda da prática de todo o processo.

Nosso viajante debutou em cada fase da caminhada ascendente. Sua evolução não ocorrera numa circularidade plana, mas sim em ascensão espiralada. Todavia, nesse momento, essa espiral atingiu tamanha convergência com o *dharma* que sua forma espiralada parece mais uma reta ascendente. Não evoluímos “apenas” *para* o *dharma* ou *pelo dharma*, mas *com* o próprio *dharma* vivendo em nós. Eis a plenitude.

O não-dual edificou a ponte; o vazio deu-nos leveza para iniciar sua travessia sem que o peso de nossos apegos a destruísse. Finalmente, chegamos ao outro lado. Utilizando outra analogia, o não-dual ergueu nossas antenas; o vazio removeu as interferências e permitiu-nos a sintonia; a fonte simboliza que passamos a vivenciar/transmitir o conteúdo da emissora. Estávamos *em* contemplação, depois ficamos *na* contemplação, mas agora a própria contemplação vive em nossa consciência.

Finalmente, extraímos o correto significado da frase cristã “eu e o Pai somos um”.¹¹⁸ No linguajar da Psicologia Transpessoal, diríamos que o *self* manifesta-se plenamente porque “eu sou” o próprio *self*. Em suma, o ego era apenas uma ilusão.

O quaternário¹¹⁹ não somente se alinhará ao trino,¹²⁰ mas, se necessário for, hospedará a própria trindade. Adaptando a mensagem numa linguagem conscienciológica: a importância do 1% da teoria agrega-se ao 99% da prática, tornando-o 100% efetivo. No profundo linguajar de Paulo: “Já

117 “Buda passou 45 anos ensinando as chamadas quatro nobres verdades que conduziam ao *dharma*, o caminho para a iluminação: a existência do sofrimento; a origem do sofrimento; a interrupção do sofrimento; e o caminho que nos leva à cessação do sofrimento.” (Dhammapada: o caminho do darma. Textos para Reflexão, 2018. Versão digital.)

118 Bíblia (João 10:30).

119 Quaternário: os quatro corpos temporais: físico (soma), fluídico (energossoma), emocional (psicossoma) e mental (mentalsoma).

120 Trino: essência espiritual formada por três elementos supostamente atemporais: mental superior, *budhi* e *atman*.

não sou eu quem vivo, é o Cristo que vive em mim”.¹²¹ Em dizeres zen: a verdade nunca esteve fora (ego), mas dentro (essência). Agora, vivenciamos essa consciência.

Não há mais dúvida: saímos da caverna. Placidamente, vivenciamos em nós próprios a plenitude do triunfo da unidade sobre a dualidade. Todas as ocorrências de nossa jornada foram necessárias e merecidas, até mesmo as duríssimas lições daqueles grilhões. Alguém lembrou do texto bíblico que nos convida a tudo dar graças?¹²²



Figura 21 – Contemplação após a saída da caverna platônica.

Também adquirimos competência e autoridade moral para sermos professores em ruptura de grilhões, pois efetivamente vencemos a caverna e subimos a montanha. A frase “eu venci o mundo”¹²³ finalmente faz sentido.¹²⁴ Não estamos aqui para vencer materialmente *no* mundo, mas para vencer o materialismo *do* mundo em nós próprios. Estamos diante da vitória do *self* sobre o ego, do espírito sobre a matéria, enfim, do perene sobre o transitório.

O eixo espaço-tempo foi transcendido. O eterno está em nós e nós estamos na eternidade. Lembremo-nos das lições anteriores em que tudo é sagrado, até mesmo os percalços, os golpes recebidos e as doloridas vicissitudes. Somente agora podemos entender essa lição em toda a sua profundidade.

121 Bíblia (Gálatas 2:20).

122 Bíblia (Tessalonicenses 5:18): “Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus em Jesus Cristo”.

123 Bíblia (João 16:33).

124 RAETV - Rede Amigo Espírita TV. Tende Bom Ânimo, Eu Venci o Mundo / Artur Valadares / 7º Encontro Espírita de Presidente Prudente. Disponível em: <https://youtu.be/-8-6tcWBVLE>

As produções cinematográficas que retrataram esse momento apontam para uma espécie de êxtase espiritual. Em tese, esse estágio evolutivo sustenta uma imperturbável serenidade. A partir desse estado de iluminação, o iluminado torna-se a própria compaixão. A ideia de libertação de seu espírito funde-se com a alforria das outras almas.



Figura 22 – Cena de *Matrix*.

– *Carambolas, autor! Êxtase espiritual? Que bicho é esse? Ele morde ou abana o rabo?*

Agradeço a pergunta bem-humorada. Nessa seara, opto por responder com um conceito espiritualista cristão: “No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo; ele só conserva, por assim dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma não se liga a ele mais que por um fio (...).”¹²⁵ Permita-me o complemento exposto na mesma obra do pentateuco espiritualista: “Nesse estado, todos os pensamentos terrenos desaparecem para dar lugar ao sentimento puro que é a própria essência do nosso ser imaterial.”¹²⁶

Consta que a décima figura causou certo incômodo e foi encontrada posteriormente às nove primeiras.¹²⁷ O desconforto é compreensível, pois descer a montanha após tanto esforço para subi-la exige graus sofisticadíssimos de empatia e compaixão. Polêmicas à parte, a próxima figura (seja outro nível ou “apenas” um prolongamento desse) simboliza o retorno ao mundo material.

125 KARDEK, Alan. O livro dos espíritos. Lake: 2020, p. 182.

126 Ibidem.

127 PROTAGONISMO LITERÁRIO. Os Dez Touros (uma estória Zen). Disponível em: <https://protagonismoliterario.com.br/estorias/os-dez-touros-uma-estoria-zen/>

Finalmente, iluminado e unido a tudo que existe, nossa essência jorra compaixão e convida-nos a descer a montanha, mas mantendo a altitude em nossa consciência. Retornar à matéria após vencer o materialismo a fim de iluminar a caverna escura. Apiedamo-nos dos acorrentados. Ponderamos sobre a caridade de ofertar-lhes o *know-how* libertador, enfim, o mapa do tesouro espiritual. Não há mais dúvidas, a segregação da dualidade fora vencida pela suave fragrância dulcificante do amor que nos une. A plenitude não somente preencheu o vazio de nosso vaso, mas passou a transbordá-lo.

– Ok, autor. Finalmente, tudo faz sentido. Compreendi que o aluno graduou-se professor. Um verdadeiro libertador de almas. Mas onde estariam os aprendizes? Eles estariam prontos para tais ensinamentos?



Estágio X. Os missionários

*“De peito nu e pés descalços,
mistura-se com as pessoas no
mercado. Empoeirado e com panos
esfarrapados, seu sorriso cobre
toda sua face.*

*Sem recorrer a milagres, faz com
que árvores ressecadas floresçam
novamente.”¹²⁸*

128 Conjugação e adaptação livre de vários textos sobre essa fase.

A tradição zen budista brinda-nos com a expressão “retorno ao mercado com mãos serviçais”. Alguns autores preferem a tradução “entrar na cidade de mãos abertas”, mas o sentido é o mesmo. Podemos relacionar esse momento com a vinda de grandes seres ao planeta, em abnegação e renúncia pessoal em prol da humanidade.

Segundo a tradição cristã, o venerado mestre nascido numa manjedoura (tabuleiro em que são servidos alimentos para animais, inclusive cavalos e touros) foi responsável direto pelo florescimento de muitas árvores (almas) ressecadas. Chamo a atenção para toda a riqueza simbólica que envolve as circunstâncias desse nascimento, lembrado nos presépios montados todos os anos em praças e lares cristãos.

O conceito da reencarnação – para as vertentes que a admitem – também pode ser utilizado como chave interpretativa da expressão “retorno ao mercado”. Poderíamos desenvolver e classificar o tema em reencarnação compulsória e missionária. Obviamente, o presente estágio evolutivo contempla esta última. Eis a exegese do retorno ao mercado (reencarnação) com mãos serviçais (missão¹²⁹ humanitária). Admitida tal hipótese, poderíamos concluir que a iluminação não seria o final da jornada, mas sim um marco para o início de um novo ciclo.

Outra interpretação respeitável pode ser extraída da imagem do iluminado que desce da montanha. A tradição zen possibilita-nos supor que o indivíduo liberto pela prática meditativa opte por reintegrar-se à sociedade a fim de compartilhar os ensinamentos adquiridos pelo atingimento de estados alterados e transcendententes de consciência.

Ao associarmos com a alegoria de Platão, esse novo ciclo evolutivo resta representado pelo retorno voluntário do alforriado ao interior da caverna. Destacam-se as virtudes necessárias para esse ato, entre elas a abnegação. Ele não precisa seguir “-ismos” específicos, pois os exemplifica com sua própria conduta. Pondero a hipótese desse iluminado inspirar novos “-ismos”, oriundos da luz que reflete de seu elevado interior e é exteriorizada em sua conduta.

129 Programação existencial, no linguajar conscienciológico.

Na prática budista, ele não apenas segue o Budismo, mas se torna um Buda. Ele não está no caminho (-ismo), ele se torna o próprio caminho. Para os que preferirem uma linguagem evangélica para compreensão desse alinhamento dárnico, divino, consciencial, cristão, búdico ou qualquer outro termo de preferência do leitor, deixo a intrigante fala de Jesus: “O meu alimento é fazer a vontade do Pai”.¹³⁰

Mesmo os mais sábios habitantes do mundo material e portadores de pomposos títulos – doutores em sombras ou *Honoris Umbra* – não o reconhecerão. É possível que surjam escarnecedores que o maldigam com as zombarias da ignorância. Lamentavelmente, a história da humanidade nos entristece nesse quesito.

– Meu caro autor, as vitórias materiais opõem-se às espirituais? Seria possível conciliá-las?

Definitivamente, advogo a possibilidade de conciliação entre os triunfos transitórios e os perenes. Conheço muitas pessoas que, inconscientemente, condicionam a evolução ao sofrimento. Trata-se de um equívoco, um reducionismo limitante e até mesmo sombrio. Quando as vitórias materiais estiverem alinhadas com as espirituais, nada mais justo que comemorá-las e compartilhá-las modesta e serenamente, jamais para alimentarmos a jactância, mas para auxiliar outros irmãos de jornada. Nesse alinhamento, a felicidade oriunda da paz espiritual triunfa sobre o sofrimento.

Entretanto, para os que ainda estiverem perdidos nos diversos ramos materialistas e cultuarem os prazeres mundanos em detrimento dos valores espirituais, acrescento duas perguntas retóricas: de que adiantam vitórias exteriores ao custo da derrota interior? De que valem triunfos fugazes/materiais se houver fracasso no campo perene/espiritual?

Sabemos que a ignorância ganha força no caos, escarnece da sabedoria e troca a moralidade pela indignidade. Em geral, a insanidade prefere jargões rasos ao raciocínio profundo. O risco do fundamentalismo reside

¹³⁰ Bíblia (Jó 4:34).

no ecoar de textos descontextualizados ou mal-interpretados. Ao final, os carentes de endoesqueleto moral alienam-se no engodo populista, terceirizam responsabilidades e embriagam-se diante de vulgaridades. Em suma, crucificam a verdade e escravizam-se na mentira. As massas raiosas guerreiam, saqueiam, destroem patrimônio alheio, promovem o caos, cultuam vulgaridades, maldizem a verdade e hostilizam os heroicos missionários a serviço do bem.

Não é demais lembrar que, em pleno berço da democracia supostamente “civilizada”, seu mais nobre cidadão – Sócrates – foi condenado à morte por meio de um dos mais “democráticos” julgamentos da história, contando com a participação de 500 cidadãos.¹³¹

Recordemo-nos, ainda, que a intolerância sectária reverberada num coração embrutecido assassinou o pacifista Gandhi.¹³² Enfim, o comportamento das massas, não raro, reflete níveis cavernosos e sombrios, o que nos lembra dos gritos por Barrabás. Se prestarmos atenção, esses gritos ainda ecoam pela humanidade.¹³³

Nossos missionários, mesmo diante do clamor mundano por tantos “barrabases” modernos,^{134,135,136} não sucumbem à insanidade terrestre disseminada pelos falsos messias. Resumindo, os verdadeiros heróis venciam e advogam verdade socrática, o caminho zen, os valores cristãos, enfim, a espiritualidade edificante em qualquer de suas facetas. Nossos iluminados benfeitores espargem os vivificantes valores da liberdade, da vida, do altruísmo, em síntese, da transcendência.

131 EMPORIO DO DIREITO. O julgamento de Sócrates. Disponível em: <https://emporiiodireito.com.br/leitura/o-julgamento-de-socrates>

132 ASSASSINATO DE MAHATMA GANDHI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Assassinato_de_Mahatma_Gandhi&oldid=64998411

133 GAZETA DO POVO. Um Constrangimento do casseta! Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/um-constrangimento-do-casseta/>

134 GAZETA DO POVO. EUA e Coreia do Norte: a eterna tensão. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/eua-coreia-do-norte-tensao-armas-nucleares/>

135 GAZETA DO POVO. Rússia manda jovens sem treinamento militar para morrer na Ucrânia. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/russia-manda-jovens-sem-treinamento-militar-para-morrer-na-ucrania/>

136 GAZETA DO POVO. Lula, Venezuela, narcotráfico: o movimento revolucionário ameaça o Brasil. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/lula-venezuela-narcotrafico-o-movimento-revolucionario-ameaca-o-brasil/>

O notável psicólogo estadunidense Claire W. Graves (1914-1986) simbolizou esse nível de consciência pela cor turquesa¹³⁷ e classificou-o como o patamar evolutivo daqueles que atuam em larga escala a favor da humanidade. O que realmente interessa é atuar pelo bem de todos, pouco importando se a atuação envolve portadores de esfarrapados cobertores beges¹³⁸ ou impecáveis uniformes azuis.¹³⁹ O fundamental é estruturar um fluxo social em que todos sejam ajudados e convidados a superarem seus respectivos níveis de consciência.

Dissolvem-se os egocentrismos, etnocentrismos, materialismos e demais reducionismos. No campo religioso, eliminam-se as visões de um “deus” exclusivista e protetor de um “-ismo” específico, de uma ou outra classe social, enfim, dessa ou daquela sociedade. Os deuses étnicos, geopolíticos ou culturais são transcendidos pelo Deus de toda a criação cósmica, das nebulosas e da infinidade multidimensional.

Emerge a consciência humanista, cósmica, universal e lúcida sobre as leis naturais, os princípios morais imutáveis (atemporais) e toda sua gloriosa aplicação onipresente (não-local). Surge o verdadeiro sábio, aquele que não “apenas” retornou à casa ou atingiu a fonte da vida, mas também percebeu que a própria fonte também jorra através dele.

A abrangência desse novo paradigma mede-se pela profundidade e extensão do amor que nos delega a motivação necessária para enfrentar o ônus do compartilhamento das preciosas informações duramente conquistadas. Sabemos que muitos de nossos heróis receberam as pedradas da ignorância, a cicuta do populismo e a crucificação da ingratidão. Inegavelmente, muitos maratonistas cósmicos concluíram jornadas memoráveis e deixaram legados consistentes em verdadeiros tesouros espirituais. Outros desafios certamente virão.

Como percebemos no decorrer desta obra, passamos pelos labirintos, selvas e cavernas para chegarmos triunfalmente às múltiplas moradas dos níveis superiores de consciência. Nesses gloriosos patamares de lucidez

137 MARTINS, Ton. *Consciência Turquesa*. Jundiá: Luce, 2017, p. 147.

138 *Ibidem*, p. 29.

139 *Ibidem*, p. 67.

espiritual, temos a consagração da trinca filosófica que meus leitores mais assíduos conhecem: o bem,^{140,141} o belo^{142,143} e o verdadeiro.¹⁴⁴

Por um lado, o isolamento e desconexão da bondade, da beleza e da verdade – como se fossem habitantes de planetas distantes – gerou a maioria dos pântanos modernos. De outro lado, não há dúvida que a independência desses setores trouxe-nos ganhos preciosos, mas os modernos habitantes do ar-condicionado confundiram emancipação com desconexão. Assim, sustento a manutenção das respectivas autonomias, mas clamo pela interlocução harmônica e interassistencial.¹⁴⁵

Diante de uma sociedade ainda atolada nos lamaçais de imoralidades e imaturidades, convido a todos a olharmos para cima e seguirmos a bem-aventurada luminosidade espargida por esses gloriosos missionários que nos brindaram com seus exemplos edificantes.

A fonte da vida convida-nos a sorvê-la, vivenciá-la, enfim, comungarmos de sua plenitude. Mais que isso, suas abundantes e dadivosas águas (pouco importa se chamemos de fluído cósmico, energia imanente ou hálito divino) irrigam fartamente as sementes de amor espalhados por toda a vinha. No presente nível de consciência, colocamo-nos, livre e galhardamente, a serviço do vinhateiro. As sementes preparadas para a absorção dos benditos nutrientes germinarão, florescerão e frutificarão. Em palavras mais literais: otimizarão nossos respectivos processos evolutivos.

E como a arte imita a vida e vice-versa, a estrutura mítica do Monomito¹⁴⁶ – de Joseph Campbell – delega-nos um herói que inicia sua aventura no

140 NOVA ACRÓPOLE BRASIL. A ética sob o olhar da Filosofia - Parte 01. Disponível em: https://youtu.be/RWiu-pi-u_Q

141 LEANDRO KARNAL - ADMIRADORES. Leandro Karnal - O que é ser ético? Disponível em: <https://youtu.be/Pj-K3GnADd0>

142 YURI I. Por que a beleza importa? | Why beauty matters | Roger Scruton. Disponível em: <https://vimeo.com/512027224>

143 NOVA ACRÓPOLE BRASIL. Por que a beleza importa? Comentários do livro A beleza, de Roger Scruton. Disponível em: <https://youtu.be/nRhDpAObf7k>

144 CLUBE LEÃO - XADREZ E ALTA CULTURA – CLXAC. Roger Scruton - A verdade, o bem e a beleza. Disponível em: <https://youtu.be/yhJXDJdtNsQ>

145 Interassistencial: assistência ou apoio evolutivo entre dois ou mais espíritos ou princípios conscienciais/ seres sencientes.

146 EXPERT DIGITAL. A jornada do herói: estrutura mítica do Monomito de Joseph Campbell. Disponível em: <https://expertdigital.net/a-jornada-do-heroi-estrutura-mitica-do-monomito-de-joseph-campbell/#gsc.tab=0>

mundo e, ao passar pelo que o mitólogo chamou de provação suprema – adquire o elixir da sabedoria e retorna à experiência corpórea em patamar de consciência superior. Deixo a Figura 23 para a apreciação do leitor e verificação das sincronias entre a jornada do herói de Campbell com o exposto nesta obra.



Figura 23 – Estrutura Mítica do Monomito, de Joseph Campbell.

Por fim, compreendemos que uma das missões assistenciais desses iluminados – talvez a maior – consiste no compartilhamento didático e exemplarista de suas gloriosas jornadas. As jornadas interiores desses seres ditosos permitiram o festivo casamento entre justiça e amor, base psíquica para suportar uma programação existencial missionária.

Sejam bem-vindos todos os missionários. Mais que isso, sejamos – todos nós – aprendizes desses missionários, independentemente do “-ismo” que advogemos. Fiquemos em nossos postos de trabalho! Que nossa vida passe, a partir de agora, a exemplificar as elevadas conexões entre o moral, o artístico e o verdadeiro, vibrando em sintonia com os andares superiores desse edifício. A noite findou e o raiar do sol prenuncia a aurora de um novo dia. A ascensão converge em novo ciclo.



Figura 24 – Cena final de *Matrix Revolutions*.¹⁴⁷

147 MATRIX Revolutions. Direção: Lilly e Lana Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros, 2003.

Posfácio

A didática

Conceituar didática está longe de ser uma tarefa fácil. Em apertada síntese, seria a técnica de otimizar a transmissão de conhecimentos ou a arte de ensinar. Obviamente, cabe-nos atentar para o nível de consciência dos alunos e utilizar uma linguagem adequada ao grau de desenvolvimento do educando.

As jornadas épicas dos nossos heroicos combatentes contra musculosos e ardilosos adversários, os touros, os dragões, os minotauros e outros símbolos de nossa animalidade, portam um componente didático e perpetuam-se no imaginário popular através dos séculos. Tais educandos talvez ainda não estejam acostumados com a racionalidade filosófica e preferiram outros instrumentos evolutivos. Aliás, os artefatos culturais...

– Nada disso! Viva a racionalidade. Não precisamos de mais nada!

Será mesmo? Bons pensadores advogam que a humanidade não tenha superado sua demanda por uma didática simbólica. E talvez não precisemos superá-la, mas sim integrá-la. Particularmente, opto por ficar com todas as ferramentas, incluindo a nossa prestigiada racionalidade e todos os demais recursos educacionais, sejam elas oriundas de símbolos, parábolas, alegorias, poesias, artes etc. Afinal, por que eliminar a beleza e a eficácia didática das mais diversas possibilidades pedagógicas?

Não se trata de minimizar a maiúscula importância da racionalidade que corretamente valorizamos, mas também de utilizarmos tudo que estiver ao nosso alcance em prol de nossa evolução espiritual. A didática lúdica do jardim da infância, o simbolismo das artes, a razão filosófica e o pragmatismo matemático dos cursos de Engenharia são igualmente bem-vindos. Fiquemos com tudo.

– Eureka! Basta descartarmos os reducionismos limitantes.

Pois é... Muitas vezes, os símbolos alcançam aspectos didáticos que driblam alguns limites pessoais do educando ou, até mesmo, os indigestos e já citados mecanismos de defesa do ego, em especial o da *racionalização*.

Apesar de confessar minha predileção por argumentos racionais, admito que, ao invés de tecermos um enfadonho tratado filosófico sobre ética para as crianças flagradas em suas traquinagens, poderíamos simplesmente perguntar ao infante: o rei Artur faria isso?

Há muito tempo nosso planeta apresenta farta simbologia do conflito entre o homem bestificado e o espiritualizado. A Figura 25 mostra a divindade romana Mithras em luta contra seu touro ainda rebelde e indócil. A imagem representa o estado geral daquele momento social (século I) e possui profunda relação com a imagem do capítulo/estágio IV da presente obra, ou seja, em pleno calor da batalha, mas com vantagem para o heróico personagem mitológico.



Figura 25 – Mithras sacrifica o touro

– Amigo autor, achas que a era moderna atingiu a fase da luta contra seus touros ou chafurda em atoleiros primitivos e distrações cavernosas? Iniciamos nosso enfrentamento interior?

As massas e os representantes eleitos por elas, salvo raras e honrosas exceções, estão acorrentados em cavernas e perdidos nos labirintos repletos de capim perfumado. Vale dizer, eles estão aquém dessa fase e sequer visualizaram a existência e a necessidade dos momento evolutivos superiores.

Vejamos dois exemplos comparativos entre os heróis antigos e os modernos. No imaginário da antiguidade, os heróis possuíam uma consciência

elevada num corpo humano comum.¹⁴⁸ A estrutura do herói moderno, lamentavelmente, baseia-se num ser de consciência comum que adquire um corpo potencializado por um acidente,¹⁴⁹ uma tecnologia inovadora¹⁵⁰ ou, simplesmente, por músculos avantajados. Antigamente, prestigiava-se a consciência elevada; atualmente, enaltecem-se habilidades corpóreas ou tecnológicas. A diferença está posta. Coincidência?

Todavia, apesar do cenário moderno parecer sombrio, lembremo-nos que a nossa jornada individual não depende, nem está condicionada, aos relinchos, berros ou mugidos ao nosso redor, pois compete somente a nós mesmos. Inegavelmente, somos os protagonistas de nossa jornada interior.

Notemos que toda simbologia do herói mostra-o em combate solitário ou em destaque perante a massa. Vejamos o caso da clássica imagem que simboliza a luta heroica entre São Jorge e um dragão alado (Figura 26). Interessante notar a posição de superioridade do cavaleiro, o que denota estar ele prestes a vencer o artiloso ente mitológico, utilizando para isso sua lança e seu cavalo branco, devidamente domado (virtudes), para o enfrentamento.



Figura 26 – Imagem clássica do combate entre São Jorge e um dragão alado.

148 NOVA ACRÓPOLE BRASIL. Avatar - Alguns comentários filosóficos com Paulo Tarcísio, da Nova Acrópole. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIZUtZzfVho>

149 SUPER RYAN TM. Peter Parker é picado pela aranha (Homem Aranha: 2002). Disponível em: <https://youtu.be/-dh8SFH1c6k>

150 RENATO DE JESUS. Homem de Ferro cena épica! Disponível em: https://youtu.be/MAKtoG_meYs

No trato com grandes massas humanas, os símbolos também exercem importante influência. Eles poderão ter grande valia para os que deles necessitem. Deixo aqui uma afirmação ainda mais provocativa: a subversão da didática simbólica deslustra e compromete espiritualmente seu praticante.

Um grande e pouco estudado problema da Modernidade é a desvalorização do imaginário¹⁵¹ e, até mesmo, a guerra para subvertê-lo. O desprezo/deturpação do simbólico e o nocaute da beleza pelo utilitarismo^{152,153} são problemas consideráveis e requerem resgate e atuação humanitária emergencial. Eis uma das grandes causas – ainda ignorada – dos problemas éticos de nosso tempo que somente o futuro revelará em toda a sua profundidade.

Vejamos o caso dos heróis das películas hollywoodianas da era moderna e dos filmes de ação. Muitos deles são movidos por interesses egocêntricos ou, pior, por vingança.¹⁵⁴ A Modernidade, lamentavelmente, incentiva a banalização e, até mesmo, a inversão dos papéis educativos das figuras heroicas. A didática para as massas juvenis deveria focar nos nobres sentimentos ou nas motivações altruístas do paladino.

Todavia, ao invés disso, os veículos de massa tecem homenagens ao horrendo, ao vulgar, aos ídolos com pés de barro e motivados por sentimentos revanchistas, em plena inversão dos valores morais. As consequências dessa deseducação e desses conteúdos de baixíssimo nível são sorradeiras e mais nefastas do que os incautos defensores do relativismo moral podem imaginar.

Ofertamos vários exemplos clássicos da boa didática simbólica e profunda. Vejamos o caso de Teseu, o grande herói mitológico ateniense, que foi retratado no momento em que golpeava sua animalidade, representada pela figura do Minotauro (Figura 27).

151 BRASIL PARALELO. Assista aos 15 minutos iniciais do documentário Guerra do Imaginário | Chesterton, Lewis e Tolkien. Disponível em: <https://youtu.be/uQgEmdUg2bY/>

152 SCRUTON, Roger. Beleza. São Paulo: É Realizações, 2013.

153 TATIANAGFELTRIN. Beleza (Roger Scruton). Disponível em: <https://youtu.be/fkJuJmlDsP0/>

154 RAMBO 2 - A missão. Direção: George P. Cosmatos. Produção: Buzz Feitshans. Estados Unidos: Tri-Star Pictures, 1985.



Figura 27 – Teseu prestes a vencer o Minotauro.

O sétimo trabalho de Hércules, por sua vez, segue em simbologia similar. O mito conta que o destemido personagem enfrentou um touro enraivecido, que aterrorizava o povo da ilha grega de Creta, pois o rei local não teve coragem de sacrificar um animal tão bonito. Desnecessário esclarecermos a óbvia referência aos apegos narcísicos e hedonistas envolvidos no sacrifício do “belo animal”. Nosso hercúleo protagonista não apenas capturou a ameaçadora besta, mas também montou-a e conduziu-a adequadamente até seu destino. O simbolismo está evidente (Figura 28).



Figura 28 – Hércules e o touro de Creta.

Gilgamesh, por sua vez, enfrenta um animal alado de expressões nada amistosas. Diferentemente do retrato de São Jorge, em que a batalha parece estar em seu final e o protagonista em posição de superioridade, o valente herói assírio foi retratado no que parece o início do combate (Figura 29).



Figura 29 – Gilgamesh e o touro do céu.

Em outro momento evolutivo, finda a luta e devidamente adestrado o animal, Lao-Tsé (604-517 a.C.)¹⁵⁵ foi representado montado num touro pacificado, conduzindo-o harmonicamente. Sereno e sem nenhuma dificuldade, o lendário filósofo chinês retorna ao lar rodeado por elementos que nos transmitem suavidade e paz interior (Figura 30). Qualquer semelhança com a gravura do sexto estágio de nossa aventura não nos parece mera coincidência.



Figura 30 – Lao Tsé montado no touro pacificado.¹⁵⁶

Por fim, podemos encontrar componentes simbólicos com funções didáticas e em profunda sintonia com a jornada de nosso valente peregrino-

¹⁵⁵ LAO ZI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lao_Zi&oldid=64725648.

¹⁵⁶ Ping Sien Si - 016 Lao zi (16135526115).jpg. In Wikipedia. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ping_Sien_Si_-_016_Lao_zi_\(16135526115\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ping_Sien_Si_-_016_Lao_zi_(16135526115).jpg)

-zen rumo a sua iluminação. Procurei sintetizá-las e integrá-las à minha própria perspectiva. Senão vejamos:

- A procura: um movimento intuitivo, ainda sem objetivo claro.
- Os rastros: surgimento de um caminho a seguir.
- O vislumbre: a convicção de estar no caminho correto.
- A luta: coragem para enfrentar-se. Fim das esquivas infantis.
- O treinamento: lucidez, disciplina e autodomínio.
- A sintonia: o fardo transforma-se em força. Alegria e suavidade.
- A não-dualidade: quietude. Edificação da ponte entre mente e espírito.
- O vazio: travessia da ponte. Nada sobra, nada falta.
- A fonte: plenitude. O *dharma*/Cristo vive em mim.
- Os missionários: a espiral vibra compaixão e abnegação.

Em um mundo sonolento e embriagado pelo materialismo, assistimos tristes espetáculos narcísicos e fanatismos ideológicos de toda natureza (individualismos e coletivismos patológicos). A escolha entre a animalidade e a espiritualidade sempre esteve à nossa disposição e nela enfrentamos o chamado bom combate. Cabe-nos o endereçamento das seguintes questões: qual foi nossa escolha hoje? Nosso próximo movimento mental/sentimental/atitudinal alimentará nossa animalidade ou espiritualidade? Lembre-se: a escolha foi, é e sempre será personalíssima.

O simbólico, o lúdico e o imaginário têm sido disputados por ideologias políticas.¹⁵⁷ O edificante uso didático foi deturpado em ferramental de manipulação. Desviando-se furtivamente da razão, a retórica populista distorce simbologias para invadir mentes invigilantes. Os peregrinos-zen, bem como os amantes dos valores cristãos, necessitam de atenção para não serem vítimas nem do paradigma isolacionista que serve ao egocentrismo, muito menos do coletivismo que ceifa a individualidade e sucumbe ao fanatismo.

A solução não está no reducionismo ou na desconexão adjetivada de cartesiana, mas sim na sintonia mental-sentimental-atitudinal com a nossa essência espiritual. Lembremos que algumas vertentes transcendentais

157 BRASIL PARALELO. Trailer oficial | Guerra do imaginário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyKFenVdue8/>

afirmam estarmos em plena transição/evolução planetária para graus mais sutis de existência. Portanto, urge pacificarmos nosso touro.

Eventuais desafios exteriores devem ceder espaço a outros prioritários, a saber: os interiores. Os incômodos exteriores do cotidiano mundano, na verdade, sempre foram mensagens cifradas para o despertar interior. As vicissitudes da vida, embora indesejáveis, movimentam nosso animal para que possamos encontrar suas pegadas.

Tudo e todos que nos incomodam são severos professores, exatamente como as preciosas lições daquele carateca que nos atingiu nas aulinhas de Karatê, ensinando-nos as deficiências de nossa luta. Tais golpes atingiram nossa *persona* transitória, mas edificaram nosso espírito perene. Nas parábolas cristãs, Jesus não oferta a paz egóica, mas sim a espiritual. Eis o pão que alimenta o espírito.

O bom combate nunca foi contra o exterior nem contra nosso próximo. Paradoxalmente, a proposta cristã da compaixão até mesmo pelos nossos verdugos (o que não significa sucumbir a eles) também nos convida à nossa própria alforria espiritual. Nas palavras de Xavier/Emmanuel: “(...) em se sacrificando sobre uma espada simbólica, devidamente ensarilhada, é que Jesus conferiu ao homem a benção da paz, com felicidade e renovação.”¹⁵⁸

– Bacana, caro autor. Notei que sua espiritualidade apresenta um certo paralelismo entre a sabedoria zen e algumas vertentes cristãs. Estou errado?

Permita-me outra resposta chistosa: “nem certo, nem errado”. Não estou preso a rótulos, mas se quiseres alguma nomenclatura para designar meu estilo filosófico, espiritualista ou como pesquisador desses temas, sugiro minha obra intitulada *Espiritualidade Consiliente*,¹⁵⁹ uma opção existencial acolhedora, respeitosa e integrativa a todas essas maravilhosas vertentes a serviço do bem, as quais considero verdadeiros portentos de

158 XAVIER, Francisco C. Fonte viva. Brasília: FEB, 2003, p. 262.

159 MARTINS, Ton. *Espiritualidade consiliente: uma opção existencial*. Jundiaí: W. Martins Junior, 2022.

sabedoria. Sobre minha particular busca por similaridades e associações entre as mais diversas correntes transcendentais, a referida indicação ofertará ao leitor um fraternal abraço epistemológico.

No tocante à simbologia da espada, citada por Xavier/Emmanuel, os touros apontam-na para o próximo. Opostamente, a espada do Cristo está fincada no solo da crucificação. Imune às hostilidades exteriores, o notável nazareno realmente venceu o mundo e deixou-nos, dentre outros sábios conselhos, o seguinte mandamento: “Embainha tua espada”.¹⁶⁰ Pois bem, ao embainharmos nossas espadas, o espiritual prevalece sobre o material. Assim, podemos dizer que cavaleiro e cavalo retornaram aos seus devidos lugares.

Relembremos, ao final desta jornada, a transformação de Saulo em Paulo. Saulo participara do mau combate exterior. Paulo, por sua vez, dignificou-se através da boa peleia interior. Permitam-me outra paráfrase: “Em plena juventude, Paulo (então Saulo) teceu armas contra as circunstâncias comuns, de modo a consolidar posição para impor-se no futuro da raça (...). Discutiu com doutores da Lei e venceu-os. Entregou-se à conquista de situação material invejável e conseguiu-a.”¹⁶¹ O jovem Saulo conquistou o mundo exterior e ostentava beleza, riqueza e poder. A pergunta é: diante da conquista da glória exterior, por que agonizava em seu interior?

A resposta está contida no mesmo testemunho xavieriano e inicia-se pelo capítulo intitulado *Combate interior*. O exegeta, após revelar que Saulo perseguira, ferira e condenara cristãos, seguiu pela inglória disputa exterior. Somente após a elevação de sua consciência, voltou-se para a boa contenda. Senão vejamos: “Surgiu, contudo, um momento em que o Senhor lhe convoca o espírito a outro gênero de batalha – o combate consigo mesmo.”¹⁶²

No mais, devo dizer que avanços tecnológicos precedem o moral. Nutro-me da esperança alvissareira de que a humanidade encontre o equilíbrio entre a evolução dos *Ipads e Iphones* e o progresso espiritual. Advogo

160 Bíblia (João. 18:11).

161 XAVIER, Francisco C. Pão Nosso. Brasília: FEB, 1950, p. 189.

162 Ibidem.

o casamento entre tecnologia e ética, enfim, uma inteligência alicerçada em valores morais. Para tanto, devemos abandonar as contendidas de Saulo e praticarmos o embate de Paulo. Em linguagem zen: domarmos nosso touro e, montados nele, retornarmos à nossa verdadeira morada. Afinal, não queremos o uso tecnológico para fabricação de mísseis destruidores, muito menos “sauros”, touros ou tigres próximos dos botões de lançamento.

– Compreendi perfeitamente a didática desse autor. Ele nem parece tão maluco assim. Porém, como exercitarei meu próprio heroísmo nisso tudo?

A resposta numa única palavra: escolhas. Abundam exemplos de ações edificantes dos abnegados benfeitores que nos precederam. Não tenho dúvida que a didática exemplarista do herói, se bem aplicada, auxiliará a jornada humana. Relembremos o modelo setenário. Os conflitos realmente relevantes de nossa jornada concentram-se na escolha entre o quaternário mundano e o trino transcendente.

O herói escolhe o transcendente, o eterno, enfim, o espiritual. A galhardia paga o preço da opção pelo perene e a tibiez sucumbe ao transitório. Justamente na escolha entre o fugaz e o eterno, ou seja, entre o material e o espiritual, emerge a possibilidade do fraco tornar-se forte, de Saulo batizar-se Paulo, de peregrinos-zen converterem-se em iluminados-zen, do homem-velho parir o novo e do quaternário alinhar-se ao ternário.

Nesse momento, o guerreiro embainha a espada, o prisioneiro liberta-se da caverna, o boiadeiro monta o boi, a elegância cativa o vulgar, a moralidade entenece a animalidade e o bruto pacifica-se. Eis a vitória do infinito sobre o passageiro, do sutil sobre o grosseiro, por fim, da espiritualidade sobre a materialidade. Eis o heroísmo. Eis a didática.

Eis o zen.

Eis o Cristo.





Agradecimentos

Reverencio a todos os intérpretes das mais diversas tradições de sabedoria – entre elas a zen e a cristã – cujos respectivos simbolismos funcionam como luminosos faróis para tantas almas necessitadas em meio à tamanha escuridão mundana. Declaro-me uma delas.

Agradeço aos meus incentivadores para que eu conseguisse prosseguir no processo da escrita: meu eterno amigo e revisor Wanderley Carvalho e minha querida diagramadora Lúcia Fontes.

Entre os valores do iluminado zen budismo e do abençoado cristianismo, entrego meu respeito e gratidão por estas vertentes que considero verdadeiras vinhas de luz.

BIBLIOGRAFIA

- ALIGHIERI, Dante. A divina comédia: inferno. Versão em prosa por Helder L. S. da Rocha. São Paulo, 1999.
- ALIGHIERI, Dante. A divina comédia - inferno. Tradução José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: eBooksBrasil, 2003.
- BECK, Don Eduard; COWAN, C. Christopher. Spiral Dynamics. Nova Jersey: Black Publishers, 2005.
- Bíblia de Jerusalém.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Flow: a psicologia do alto desempenho e da felicidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.
- Dhammapada: o caminho do darma. Textos para reflexão, 2018.
- GASSET, José Ortega y. A rebelião das massas. Campinas: Vide Editorial, 2015.
- KARDEC, Allan. A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo. São Paulo: Lake, 2014.
- KARDEC, Alan. O evangelho segundo o espiritismo. São Paulo: Lake: 2019.
- KARDEC, Alan. O livro dos espíritos. São Paulo: Lake, 2020.
- KOPP, Zensho W. The Zen ox-herding pictures: the path to enlightenment. Alemanha: Books on Demand, 2021.
- MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. 2.ed. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020.
- MARTINS, Ton. Consciência Turquesa. Jundiaí: Luce, 2017.
- MARTINS, Ton. Espiritualidade consiliente: uma opção existencial. Jundiaí: W. Martins Junior, 2022.
- MATTOS, Luiz. A vida fora da matéria. 15.ed. Rio de Janeiro: Centro Redentor, 1977.
- PLATÃO. A República, Livro VII. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- RÔSHI, Monja Coen. O monge e o touro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2015.
- SCRUTON, Roger. Beleza. São Paulo: É Realizações, 2013.
- VIEIRA, Waldo. 700 Experimentos da conscienciologia. Foz do Iguaçu: Editares, 2013.
- VIEIRA, Waldo. Projeciologia. Foz do Iguaçu: Editares, 2013.

WILBER, Ken. Obras completas. Nova Iorque: Random House, 1999.
XAVIER, Francisco C. Assim vencerás. Brasília: FEB, 2021.
XAVIER, Francisco C. Ceifa de Luz. Brasília: FEB, 2013.
XAVIER, Francisco C. Fonte viva. Brasília: FEB, 2003.
XAVIER, Francisco C. Justiça Divina. Brasília: FEB, 2013.
XAVIER, Francisco C. Pão Nosso. Brasília: FEB, 1950.

ARTIGOS CONSULTADOS

42 FRASES. 43 frases de Buda para meditar e ter uma vida de paz. Disponível em: <https://www.42frases.com.br/frases-de-buda/>

ARTEBLOG. Filme A Origem de Christopher Nolan. Disponível em: <https://arteblog.com.br/filme-a-origem-inception/>

ASSASSINATO DE MAHATMA GANDHI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Assassinato_de_Mahatma_Gandhi&oldid=64998411/

BRASIL PARALELO. Doutrinação ideológica nas escolas | Conversa paralela. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/episodios-programas/doutrinacao-ideologica-nas-escolas/>

BUDISMO PETRÓPOLIS. Domando a mente. Disponível em: <https://budismopetropolis.wordpress.com/2015/08/25/domando-a-mente/>

EMPORIO DO DIREITO. O julgamento de Sócrates. Disponível em: <https://emporiოდodireito.com.br/leitura/o-julgamento-de-socrates/>

ESCOLA SEM PARTIDO. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org>

EXPERT DIGITAL. A jornada do herói: estrutura mítica do Monomito de Joseph Campbell. Disponível em: <https://expertdigital.net/a-jornada-do-heroi-estrutura-mitica-do-monomito-de-joseph-campbell/#gsc.tab=0/>

GAZETA DO POVO. EUA e Coreia do Norte: a eterna tensão. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaо/artigos/eua-coreia-do-norte-tensao-armas-nucleares/>

GAZETA DO POVO. Lula, Venezuela, narcotráfico: o movimento revolucionário ameaça o Brasil. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/lula-venezuela-narcotrafico-o-movimento-revolucionario-ameaca-o-brasil/>

GAZETA DO POVO. Rússia manda jovens sem treinamento militar

para morrer na Ucrânia. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/russia-manda-jovens-sem-treinamento-militar-para-morrer-na-ucrania/>

GAZETA DO POVO. Um Constrangimento do casseta! Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/um-constrangimento-do-casseta/>

LAO ZI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lao_Zi&oldid=64725648/

O CONSOLIDADOR. Arsenal defensivo. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano13/627/ca6.html>

OLHAR BUDISTA. Os 10 passos do apascentar do boi (estágios da jornada espiritual). Disponível em: <https://olharbudista.com/2020/05/15/os-10-passos-do-apascentar-do-boi-estagios-da-jornada-espiritual/>

PROTAGONISMO LITERÁRIO. Os Dez Touros (uma estória Zen). Disponível em: <https://protagonismoliterario.com.br/estorias/os-dez-touros-uma-estoria-zen/>

PSICANÁLISE CLÍNICA. Decifra-me ou te devoro: significado. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/decifra-me-ou-te-devoro/>

VIDEOGRAFIA

BRASIL PARALELO. A mensagem oculta do filme “A Origem” pode mudar sua vida. Disponível em: <https://youtu.be/tOEShx3H2JA>

BRASIL PARALELO. Assista aos 15 minutos iniciais do documentário Guerra do Imaginário | Chesterton, Lewis e Tolkien. Disponível em: <https://youtu.be/uQgEmdUg2bY>

BRASIL PARALELO. Trailer oficial | Guerra do imaginário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IyKFenVdue8>

CASA ESPÍRITA SEARA DE LUZ. “Não vim trazer a paz, mas espada” - Mateus, 10, 34 - Qual o significado? Jorge Elarrat. Disponível em: <https://youtu.be/HEdVfCAHPxw>

CLUBE LEÃO - XADREZ E ALTA CULTURA – CLXAC. Roger Scruton - A verdade, o bem e a beleza. Disponível em: <https://youtu.be/yh-JXDJdtNsQ>

DAISSEN. Os dez passos do boi: Monge Genshō. Disponível em: <https://youtu.be/mRYgzio15GU>

EMILIE SUGAI. O significado de “Os dez desenhos de domar o touro” por Monja Coen Rôshi. Disponível em: <https://youtu.be/eTBL5NvToLY>
ESPIRITUALIDADE E VIDA. 028 | O EVANGELHO DE JOÃO - Haroldo Dutra Dias, Estudando. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/cjhptbhJF54?>

LEANDRO KARNAL - ADMIRADORES. Leandro Karnal - O que é ser ético? Disponível em: <https://youtu.be/Pj-K3GnADd0>

NOVA ACRÓPOLE BRASIL. A ética sob o olhar da Filosofia - Parte 01. Disponível em: https://youtu.be/RVViupi-u_Q

NOVA ACRÓPOLE BRASIL. A evolução humana segundo a tradição oriental - Lúcia Helena Galvão (Sobre parábola da tradição ZEN). Disponível em: <https://youtu.be/FPwLN-dsWjo>

NOVA ACRÓPOLE BRASIL. Avatar - Alguns comentários filosóficos com Paulo Tarcísio, da Nova Acrópole. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIZUtZZfvho>

NOVA ACRÓPOLE BRASIL. Bhagavad Gita - Comentários filosóficos sobre o livro sagrado indiano com a Prof. Lúcia Helena Galvão. Disponível em: <https://youtu.be/FYqJ5fwR4Ps>

NOVA ACRÓPOLE BRASIL. Mitos heroicos: uma visão comparativa - Lúcia Helena Galvão da Nova Acrópole. Disponível em: <https://youtu.be/vaderF6s6Tw>

NOVA ACRÓPOLE BRASIL. Por que a beleza importa? Comentários do livro A beleza, de Roger Scruton. Disponível em: <https://youtu.be/nRhDpAObf7k>

NEPE PAULO DE TARSO. Não vim trazer a paz, mas a espada - Artur Valadares. Disponível em: <https://youtu.be/b9IYzZXuoew>

PALAVRA ESPÍRITA. Haroldo Dutra - Injustiça X Injustiçado. Disponível em: <https://youtu.be/zW-O5ze9tB0>

RAETV - Rede Amigo Espírita TV. Tende Bom Ânimo, Eu Venci o Mundo /Artur Valadares / 7º Encontro Espírita de Presidente Prudente. Disponível em: <https://youtu.be/-8-6tcWBVLE>

RENATO DE JESUS. Homem de Ferro cena épica! Disponível em: https://youtu.be/MAKtoG_meYs

SUPER RYAN TM. Peter Parker é picado pela aranha (Homem Aranha: 2002). Disponível em: <https://youtu.be/-dh8SFH1c6k>

TATIANAGFELTRIN. Beleza (Roger Scruton). Disponível em: <https://youtu.be/fKJuJmlDsP0>

YURI I. Por que a beleza importa? | Why beauty matters | Roger Scruton. Disponível em: <https://vimeo.com/512027224>

FILMOGRAFIA

A ORIGEM. Direção: Christopher Nolan. Produção: Christopher Nolan, Emma Thomas. Estados Unidos, Reino Unido: Warner Bros, 2010.

AS AVENTURAS de Pi. Direção: Ang Lee. Produção: Ang Lee, Gil Netter, David Womark. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2012.

MATRIX. Direção: Lilly e Lana Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros, 1999.

MATRIX Revolutions. Direção: Lilly e Lana Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros, 2003.

O RETRATO de Dorian Gray. Direção: Oliver Parker. Produção: Barnaby Thompson. Reino Unido: Momentum Pictures, 2009.

RAMBO 2 - A missão. Direção: George P. Cosmatos. Produção: Buzz Feitshans. Estados Unidos: Tri-Star Pictures, 1985.

STAR Wars. Direção: George Lucas. Produção: Gary Kurtz. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1977.

TITANIC. Direção: James Cameron. Produção: James Cameron, Jon Landau. Estados Unidos: Paramount Pictures, 20th Century Fox, 1997.







TON MARTINS

Wellington Martins Junior nasceu em 1966, num Brasil envolto em turbulências políticas. Graduou-se em Direito em 1988, ano da promulgação da “Constituição Cidadã”, da qual é crítico mordaz.

Manteve estudos sobre Justiça, Psicologia, Psicanálise, conscienciologia, filosofia integral, racionalismo cristão, espiral evolutiva, espiritismo cristão e diversas perspectivas transcendentais ao materialismo. Em 2014, inicia sua carreira como escritor com os livros *Conexões: perspectivas transcendentais comparadas* e sua festejada obra *Consciência Turquesa* nas versões em português e inglês.

Como ativista, acentuadamente em 2015 e 2016, apadrinhou movimentos contra a tirania sistêmica instalada nas instituições brasileiras.

Em 2017, retomou sua vocação acadêmica e, em 2020, concluiu sua formação em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. No mesmo ano, intensificou seus estudos sobre a doutrinação política e partidária nas escolas e quais seriam os meios profiláticos da tirania. Adentrou em 2022 envolvido com a criação de texto constitucional com notáveis juristas e preciosos amigos, com quem construiu um histórico de irmandade e confiança, resultando na publicação da obra *A Libertadora: uma constituição para o Brasil*. No mesmo ano, desenvolveu e propôs uma nova perspectiva espiritualista e cunhou a expressão *espiritualidade consiliente* em obra homônima.

Em 2023, apresenta seu sexto livro *O Zen e o Cristo*, além de publicar dezenas de artigos, nos quais também propõe a sexta força da Psicologia e a integração da espiritualidade ao campo científico.

Esta obra caminha por dez xilogravuras da filosofia zen budista e suas intrigantes conexões com a tradição cristã. Ton Martins oferece ao leitor as interpretações tradicionais, algumas míticas, outras simbólicas, psíquicas, racionais e espirituais. Apesar de sua maior facilidade na esfera racional, Ton trata de todas as demais com igual respeito, a fim de estudar, junto ao leitor, os insólitos vínculos entre símbolos, mitos, parábolas, alegorias, clássicos literários, produções hollywoodianas e outros artefatos históricos/ficcionais produzidos no decorrer da história humana. Boa leitura. Ou melhor, boa jornada!

O ZEN E O CRISTO

TON MARTINS